

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE ARTES

YASMIN RIFAI DE LIMA

YONI PRECIOSA

São Paulo

2022

YASMIN RIFAI DE LIMA

YONI PRECIOSA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (Unesp) como requisito parcial para obtenção dos títulos de Bacharela e Licenciada em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Flávia Leme de Almeida

São Paulo

2022

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

L732y	Lima, Yasmin Rifai de, 1998- Yoni Preciosa / Yasmin Rifai de Lima. – São Paulo, 2022. 111 f. il. color. Orientadora: Profa. Dra. Flavia Leme de Almeida Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura e Bacharel em Arte) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes 1. Cerâmica. 2. Vulva. 3. Ideal de beleza. 4. Autoestima. I. Almeida, Flavia Leme de. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Yoni Preciosa. CDD 738.8
-------	--

Bibliotecária responsável: Mariana Borges Gasparino - CRB/8 7762

YASMIN RIFAI DE LIMA

YONI PRECIOSA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (Unesp) como requisito parcial para obtenção dos títulos de Bacharela e Licenciada em Artes Visuais.

Trabalho aprovado em: 03/11/2022

Banca Examinadora

Profa. Dra. Flavia Leme de Almeida - Orientadora
Faculdade de Artes Visuais da UFG

Profa. Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli - Co-orientadora
Instituto de Artes da Unesp

Vitória de Oliveira Fava
Bacharelo em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Unesp

AGRADECIMENTOS

Dedico esse trabalho a mim mesma, ao meu corpo, minha força e minha divindade;

Dedico a minhas matriarcas Fátima e Jamile, que estiveram presentes na minha vida durante os momentos mais importantes;

Dedico às mulheres e pessoas com vulva que cruzaram meu caminho e me mudaram, e de alguma forma se permitiram ser tocadas pelo meu trabalho;

Dedico a grande deusa e suas manifestações;

Dedico a minha vulva, minha vagina, meu útero, meus ovários e todos os meus óvulos, os que já se foram e a todos que permanecem em mim;

Dedico ao meu sangue, água sagrada que reside em meu corpo e que todo ciclo limpa todas as mágoas, estresses e sofrimentos que passei;

Ao mesmo sangue que abençoa minha roupa e a deixa marcada, marca tão sagrada e que é vista com um asco pelos outros;

Agradeço as deusas por me permitirem senti-las em suas potencialidades;

Agradeço meu corpo por todas as batalhas, mas principalmente por todos os orgasmos e ejaculações;

Agradeço aos que cruzarão e aos que se iluminarão por esse caminho sagrado;

E assim será.

RESUMO

A partir das minhas vivências enquanto mulher cis-gênero, criada em uma família árabe de religião muçulmana, desenvolvi um trabalho que abordou e relacionou as diversas partes do corpo da pessoa construída como mulher e que são supervaloradas e padronizadas dentro da lógica vigente em uma sociedade patriarcal e machista. Além de relacionar trabalhos artísticos de diversas mulheres artistas contemporâneas e também das diferentes formas de representação de corpos femininos no decorrer da história da humanidade, apresentei a minha própria produção em cerâmica que tem total relação com os pontos abordados nos capítulos desenvolvidos.

Palavras-chave: Cerâmica. Vulva. Corpos femininos. Padrão de beleza. Autoestima.

ملخص.

حيث من خلال تجربتي الشخصية كإمرأة ، نشأت وتربيت في أسرة عربية ذات ديانة إسلامية ، طورت عملاً اقترب وربط الأجزاء المختلفة من جسم الشخص المبني كإمرأة والتي يتم المبالغة في تقديرها وتوحيدها ضمن المنطق الحالي في السلطة الأبوية والمجتمع المتحيز جنسياً.

بالإضافة إلى ربط الأعمال الفنية للعديد من الفنانات المعاصرات وكذلك الأشكال المختلفة لتمثيل أجساد النساء عبر تاريخ البشرية ، فقد قدمت إنتاجي الخزفي المرتبط بشكل كامل بالنقاط التي تم تناولها في الفصول المطورة.

كلمات مفتاحية: سيراميك. الفرج. أجساد النساء. نمط الجمال. احترام الذات.

SUMÁRIO

1. Introdução	9
2. Natureza, liberdade e a vulva	15
3. RUHY.....	21
3.1. THAD.....	31
3.2. BATHN.....	37
3.3. FARAJ.....	45
3.3.1. KUSSY.....	54
4. Espalhando o conhecimento.....	57
4.1. A caixa de Eva.....	60
4.2. O Conhecer: Contexto histórico, a mulher como sagrada.....	70
4.3. O Sexo: Diversão, meditação e libertação.....	82
4.4. A gestação: O conhecimento através do olhar.....	86
4.5. O parto: Produção, representação e reflexão.....	90
4.6. A amiga, a doula e a madrinha.....	96
5. Considerações finais.....	105
Referências.	

Introdução



1. Introdução

Antes de iniciar o texto, acho importante avisar quem o lê, que esse trabalho é sobre a minha produção como artista e como arte-educadora. Para explicar como minha produção acontece, falo sobre mim, minha etnia marrom (minha ascendência árabe) e minha experiência de vida. De maneira nenhuma aprovo ou procuro incitar ou encorajar a islamofobia¹ ou a xenofobia². Colocando minha experiência como base, usei por muitas vezes o conceito de feminino e falei sobre a vulva e seios tidos como femininos, tendo em vista em que sou uma mulher cisgênero³. Contudo, o trabalho não se limita à mulheres cis, uma vez que o conceito de feminino e as pressões estéticas e sociais atribuídas à esse grupo também são aplicáveis a mulheres com pênis. É importante ressaltar que a representação da vulva também é amplamente abordada. Essa apropriação não entra como um símbolo da feminilidade e sim em um símbolo de potencialidade, uma vez que homens e pessoas não binárias⁴ também podem ter vulva. Eu e minha pesquisa não aprovamos a transfobia⁵ e não desejamos incitar essa prática.

Por ser um trabalho único para as duas habilitações (bacharelado e licenciatura) a estrutura do texto consiste nos capítulos 1, 2 e 5 como comuns para ambas as pesquisas, o capítulo 3 sendo um aprofundamento para a área de bacharelado e o capítulo 4 sendo um aprofundamento para a área de licenciatura.

Tendo em vista a importância deste trabalho para mim, tanto no sentido material, psicológico e, até mesmo religioso, iniciei alguns capítulos com preces autorais feitas especialmente para essa pesquisa. Por se tratar de um tema pessoal e dentro do meu universo cultural, usei termos e palavras em árabe, que serão explicados no decorrer do texto. É importante frisar que, sendo este um trabalho de conclusão de curso, infelizmente não foi possível adensar nas pesquisas dos temas propostos, coisa que pretendo realizar futuramente quando ingressar em uma pós-graduação.

¹ Islamofobia: Preconceito religioso ligado a pessoas que seguem o islã.

² Xenofobia: Preconceito ligado a pessoas estrangeiras.

³ Cisgênero: Pessoa que se identifica com o gênero associado a si no momento de seu nascimento.

⁴ Não Binárias: Pessoas que não se identificam (total ou parcialmente) com nenhum dos gêneros binários (Feminino/Masculino)

⁵ Transfobia: Preconceito ligado a pessoas que se identificam como transgêneras.

Dito isso, começo pelo meu nascimento. Em uma manhã de maio, nasci de barriga, ou seja, vim ao mundo através de uma intervenção cirúrgica planejada em Fátima, minha mãe, enquanto estava gestante. Após quatro anos de ter parido de barriga meu irmão Munir, ela passava pela sua segunda cirurgia de cesárea. Lembro da minha mãe me contar do seu pavor de sentir a dor do parto natural e de acreditar que um bebê sair de sua vagina iria "estragar seu corpo". Com duas semanas de vida já tive minhas orelhas furadas para que ninguém ousasse me confundir com uma criança tida como "menino". Também mamei os seios da minha mãe por pouco tempo, depois já iniciei a tomar fórmulas lácteas em garrafas de plástico.

Cresci em uma casa árabe e muçulmana que eu considerava pouco impositiva, mas ainda existiam os costumes e tradições de uma família árabe. Meus pais se separaram quando eu tinha três anos. Morei com a minha mãe e via meu pai no máximo a cada quinze dias. Isso me gerava uma dualidade de costumes e comportamentos, já que o lado árabe era apenas o materno. Por um lado, passava a semana inteira inserida em uma comunidade fechada de costumes árabes. Por outro, uma ou duas vezes por mês, eu me inseria em uma cultura que eu tinha como "brasileira", onde existiam pessoas, músicas, comidas, roupas e costumes completamente diferentes.

Senti mais fortemente a diferença cultural a partir dos meus doze anos de idade, quando tive a minha menarca⁶. Na cultura muçulmana deveria cumprir os papéis e regras impostos às mulheres, que eram bem diferentes daqueles impostos às crianças.

Como criança eu podia usar roupas curtas, regatas, falar e me portar como eu quisesse. Meu único dever era o de brincar, mas apenas com meninas. Lamentavelmente eu era a única menina na rua onde morava e igualmente em minha família, o que me obrigava a brincar sempre sozinha ou ser a única criança na brincadeira. Naquele tempo eu dizia querer ser menino, pois os via brincando livremente na rua e queria ter a mesma oportunidade. Obviamente esta minha manifestação causou certo estranhamento, impulsionando a vontade da minha mãe de me "enbonecar", me fazendo usar saias, blusas bufantes, roupas nada confortáveis, cabelo longo e, principalmente, os brincos. Mesmo criança, eu sabia e

⁶ Menarca: Primeira menstruação.

entendia que o meu desejo de ser menino não vinha de um lugar de corpo nem de disforia⁷ identitária, mas sim de fome de liberdade corporal e comportamental. O fato de estar sozinha tornaram minhas brincadeiras favoritas serem massinha de modelar, pintura e desenho, coisas que já são comumente individuais. Possivelmente isso estimulou a minha criatividade ainda mais.

Ao passar pela minha menarca, eu era constantemente repreendida se usasse regatas e roupas acima do joelho, vestimentas estritamente proibidas se eu fosse visitar meus avós maternos ou ir para um evento. Os deveres na escola com a religião islâmica também aumentaram, a prática começou a ser levada mais a sério e, por estudar em uma escola muçulmana, convivia de segunda a sexta com a obrigação da reza enquanto estava na escola.

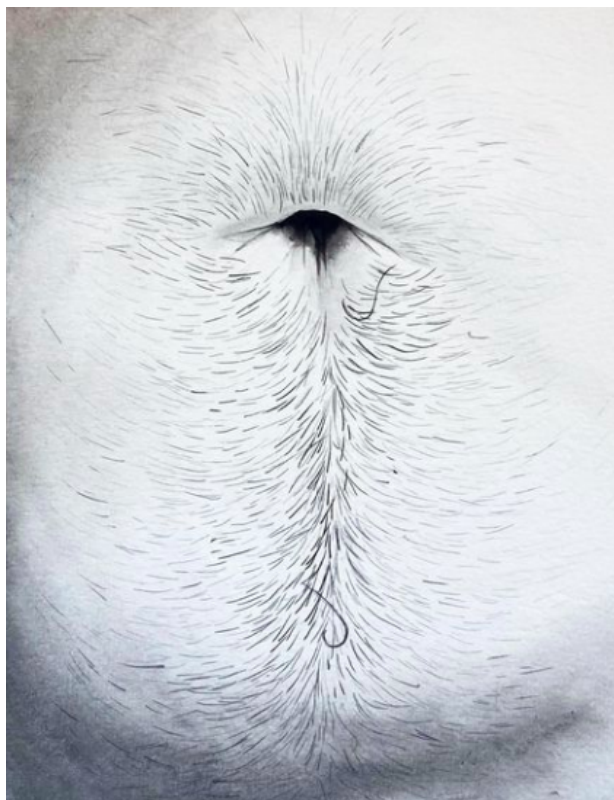
As tarefas domésticas eram bem divididas, sempre entre eu e minha mãe, as mulheres. Tínhamos que cozinhar, varrer, lavar, passar e, claro, servir ao homem da casa (que no caso era o meu irmão). De forma alguma sou contra a realização de tarefas domésticas, inclusive as acho essenciais para que qualquer ser humano possa aprender a viver e sobreviver sozinho. O que era inconcebível para mim era ver que essas eram obrigações apenas das mulheres. Sempre que contestava isso, a resposta era a mesma: "Você precisa fazer assim porque é mulher! Ele não precisa porque é homem". Já quando estava na casa do meu pai, essas não eram obrigações que precisava cumprir, visto que ele as realizava sozinho. Lembro de ficar fascinada com a cena de um homem fazendo as "tarefas de mulher" e como isso expandiu minha mente em formação, tornando bem conflituosa a convivência com a minha família materna e com a minha escola.

Essa situação me fez tornar uma jovem "rebelde", com alguns posicionamentos cada vez mais opostos às pessoas da comunidade árabe. Quanto mais me era dito "você não pode fazer isso", mais era estimulada. Como consequência as respostas foram ficando mais agressivas e limitantes, me fazendo sentir cada vez mais presa. As proibições impostas eram seguidas da promessa de que quando me tornasse adulta, poderia fazer o que quisesse. Então, o meu maior sonho era ser adulta e conquistar a liberdade.

⁷ Disforia: Psicopatologia relacionada a um sofrimento intolerável, caracterizado por um estado de ansiedade, depressão e inquietude. Disponível em: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/saude/disforia>.

Ilusoriamente acreditava que usar vestimentas tidas como femininas, ter um corpo magro ou escultural, usar cabelo comprido, brincos, maquiagem me tornaria mais adulta e, conseqüentemente, mais livre. Ledo engano. Quando finalmente atingi a maioridade e ingressei em um cursinho pré vestibular, me dei conta que aquela garota rebelde e liberal da comunidade árabe onde convivia, era vista como uma pessoa conservadora. Não entendia a questão da liberdade das mulheres, o modo como se portavam era exageradamente sensual e sexualizado. Aos poucos, fui percebendo que precisava pôr em prática elementos que defendia no meu discurso, como a tal liberdade de vestimenta. Comecei a me voltar para as minhas preferências, parei de usar sutiãs, de me depilar, de ser obcecada pelo meu peso e comecei a me afastar da minha ascendência e das mulheres árabes que conheci. Esse contexto me deu a chance de ignorar tudo o que tinha sido nos últimos anos. Me identificava apenas como "brasileira". Rejeitei também as religiões, tanto o deus Allah, tido como deus único e agênero, quanto do deus Jesus, tido como deus único e homem o masculino. Comecei a estudar sobre bruxaria, ocultismo e wicca e cultuar, pela primeira vez, o corpo da mulher.

Figura 1: Yasmin Rifai de Lima, Pintura com nanquim sobre papel 300g. Mari Dagli, 2017. 24 x 18 cm



Fonte: <https://www.instagram.com/p/COvsdadncJv/>.

Natureza,
Liberdade
e a Vulva



2. Natureza, liberdade e a vulva.

الرِّجَالُ قَوَّامُونَ عَلَى النِّسَاءِ بِمَا فَضَّلَ اللَّهُ بَعْضَهُمْ عَلَى بَعْضٍ وَبِمَا أَنْفَقُوا مِنْ أَمْوَالِهِمْ ۚ فَالصَّالِحَاتُ قَانِتَاتٌ حَافِظَاتٌ لِّلْغَيْبِ بِمَا حَفِظَ اللَّهُ ۚ وَالَّتِي تَخَافُونَ نُشُوزَهُنَّ فَعِظُوهُنَّ وَأَهْجُرُوهُنَّ فِي الْمَضَاجِعِ وَأَصْرِبُوهُنَّ ۚ فَإِنْ أَطَعْنَكُمْ فَلَا تَبْغُوا عَلَيْهِنَّ سَبِيلًا ۗ إِنَّ اللَّهَ كَانَ عَلِيمًا كَبِيرًا ۝ ٣٤

Men are the caretakers of women, as men have been provisioned by Allah over women and tasked with supporting them financially. And righteous women are devoutly obedient and, when alone, protective of what Allah has entrusted them with.¹ And if you sense ill-conduct from your women, advise them 'first', 'if they persist,' do not share their beds, 'but if they still persist,' then discipline them 'gently'.² But if they change their ways, do not be unjust to them. Surely Allah is Most High, All-Great. — Tradução de Dr. Mustafa Khattab

Os homens têm autoridade sobre as mulheres, pelo que Allah preferiu alguns a outros e pelo que despendem de suas riquezas. Então, as íntegras são devotas, custódias da honra, na ausência dos maridos, pelo que Allah as custodiou. E àquelas de quem temeis a desobediência, exortai-as, pois, e abandonai-as no leito, e batei-lhes. Então, se elas vos obedecem, não busqueis meio de importuná-las. Por certo, Allah é Altíssimo, Grande. — Tradução de Helmi Nasr

Os homens são os protetores das mulheres, porque Deus dotou uns com mais (força) do que as outras, e pelo o seu sustento do seu pecúlio. As boas esposas são as devotas, que guardam, na ausência (do marido), o segredo que Deus ordenou que fosse guardado. Quanto àquelas, de quem suspeitais deslealdade, admoestai-as (na primeira vez), abandonai os seus leitos (na segunda vez) e castigai-as (na terceira vez); porém, se vos obedecerem, não procureis meios contra elas. Sabei que Deus é Excelso, Magnânimo. — Tradução de Samir (ALCORÃO, SURAA-NISA 4:1, [s.d.]

Desencorajadas pela religião, pela moral e pela lei de expor nossos corpos, a repressão social sobre o corpo e os costumes da mulher sempre foram presentes. E é muito comum que esse julgamento venha das próprias mulheres. Pensando no sentido lógico, quando uma mulher julga a outra por algo, isso a afeta também. Uma mulher que julga a outra por não se depilar deve, por consequência, estar sempre perfeitamente depilada.

Como dizia Aristóteles (384 - 322 a.C.) no livro IX da obra *Ética a Nicômaco*, o ser humano é um sujeito social que, por natureza, precisa pertencer a uma coletividade. Isso pressupõe, que se, por exemplo, o coletivo chega à conclusão que a mulher deve agir, falar, se vestir e se portar de tal maneira, a mulher que segue esse molde e essa opressão é aceita e validada socialmente. Com o passar do tempo, a persistência dessa opressão acaba se tornando algo fundamental, adentrando na mulher de maneira estrutural, ou seja, fazendo com que esses modos de viver façam parte de sua estrutura de pensamento. Assim, quando uma mulher

oprime outra mulher ela está somente gerando a réplica do discurso que ela sempre ouviu, na maioria das vezes sem refletir sobre.

A problemática disso tudo é que esse coletivo dita as regras e costumes, não há equidade de poder entre os gêneros, religiões e etnias, não podendo assim ser justo. Nesse coletivo existe uma parcela que realmente está no poder, e essa parcela é constituída em sua maioria por homens cis, brancos e velhos, apoiados pelas estruturas do capitalismo, da política e da religião.

Significado de Empoderar
verbo transitivo direto e pronominal
Conceder ou conseguir poder; obter mais poder; tornar-se ainda mais poderoso [...].
[Figurado] Passar a ter domínio sobre sua própria vida [...].
(EMPODERAR, [20?])

Com a revolução sexual dos anos 1980, com a difusão de anticoncepcionais, um produto da indústria farmacêutica, o corpo feminino foi encorajado a ser cada vez mais sexual. Essa faceta da mulher sensual, sexual e ousada começou a crescer cada vez mais. Se era possível ver mulheres cada vez mais sexualizadas em comerciais, jornais, programas de tv e revistas. Por um lado, a revolução sexual se mostrou como fundamental para que a mulher tomasse posse de sua sexualidade e a abertura para o tema fosse maior, ajudando assim na educação sexual, na difusão de informações sobre ISTs⁸, gravidez e no planejamento familiar. A mulher podia ser abertamente sensual e explorar esse lado sedutor, mesmo sofrendo julgamentos da comunidade conservadora. Por outro lado, essa sexualização da mulher ganhou o objetivo de seduzir o homem, seja com as vestimentas, a pose ou a fala. A mulher com sede de sexo (considerando o modelo heteronormativo⁹ como regra) foi muito bem vista e aproveitada pelo capitalismo. Essa exposição corporal da mulher sensual na cultura visual acabou se tornando interessante em propagandas e disseminação de conteúdos pois usava essa faceta da sedução porém, dessa vez, para o consumo. O público alvo é seduzido a comprar esse produto, seja porque deseja esse corpo para consumo sexual ou que deseja o corpo para si, usando como meio um conteúdo explícito e pornográfico.

⁸ ISTs: Infecções sexualmente transmissíveis.

⁹ Heteronormativo: Práticas e normas sociais que tem a expressão heterossexual como única opção correta e possível, mantendo orientações sexuais fora do padrão desenhado "macho e femea" à marginalidade, por vezes ignoradas ou perseguidas. O termo se aplica a papéis sociais de gênero, identidade de gênero, orientação sexual e qualquer outro aspecto que difere ao que é imposto como correto.

Figura 2 - Propaganda da cerveja Skol



Fonte: <https://quasepublicitarios.wordpress.com/2010/06/23/anuncios-da-skol/>. Acesso em: 18 ago. 2022.

Ao redor do mundo milhões de mulheres, também influenciadas pela indústria cultural, se sexualizam de maneira precoce de modo a reproduzir essa mulher/produto exposta pela mídia, pela indústria pornográfica e do "soft porn"¹⁰. Essa pornificação vem ficando cada vez mais clara à medida que a fotografia e o vídeo estão cada vez mais disponíveis à população mundial da classe média e alta. Podemos exemplificar esse movimento através da indústria da música, onde artistas devem usar roupas que expõem cada vez mais seus corpos, se movimentar de maneira a exaltar as "curvas", com movimentos que simulam o ato sexual vulva-pênis, até mesmo incorporando gemidos na letra ou sonoridade da música. O aproveitamento da sexualização do corpo da mulher pelo capitalismo e pelas grandes mídias também é discutido no texto "De objeto a consumidora" de Ana Clara Paiva Lima Carrilho.

(...) a publicidade acaba reproduzindo (e reforçando) uma imagem social já formada. A própria organização social criou uma imagem feminina a ser correspondida, o padrão de beleza – não para tornar a mulher mais saudável, mas para corresponder a um ideal de fantasia masculino. A própria cultura, em seu sistema de dominação patriarcal, cria diversos métodos para se manter, e através da cultura de mídia, que vem em ascensão, se torna um dos métodos principais para a reprodução desses padrões e corrobora com a repressão gerada por esse método. Nessa cultura midiática em que vivemos, onde o poder da manipulação de imagens tem grande influência sobre a população, as representações feitas através desses meios geram efeitos instantâneos dentro da sociedade. Essa sequência de imagens deslumbrantes, carregadas de simbologias que se manifestam no inconsciente do espectador – que vê um espetáculo visual, com imagens sedutoras que os atraem – não apenas os estimula ao consumo dos produtos (que é o principal), mas também lhes vende um estilo de vida e uma visão de mundo. (CARRILHO, 2017, p. 9-10).

¹⁰ Soft porn: Termo vindo do inglês, traduzido como pornografia suave, usada pra descrever situações que a pornografia é incitada de maneira pouco explícita, como por exemplo na propaganda da skol.

Essa sexualização do corpo da mulher (cis ou trans) exaltada pelas mídias é comumente acompanhada de palavras como "empoderamento". A problemática em cima dessa palavra é que muitas vezes ela é usada de maneira indevida, uma vez que empoderar significa tomar poder sobre a própria vida. Essa vontade de "empoderamento" e exposição de sua sexualidade nem sempre vem com a reflexão e da realização dos fios de pensamento e opressão gerados pela estrutura patriarcal e capitalista. O que acaba acontecendo na vida de meninas e mulheres é, mais uma vez, um mecanismo de cópia e de socialização para melhor ser aceita pela sociedade ou por si própria, como diz Joice Berth, em seu livro "Empoderamento".

Essa visão superficial, que se descola daquela proposta pelas feministas do Sul Global, levou a desentendimentos, ou melhor, ao entendimento de que empoderamento feminino é a superação individual de certas opressões, mas sem romper de fato com as estruturas opressoras. Explico: é julgar que se empoderar é transcender individualmente certas barreiras, mas seguir reproduzindo lógicas de opressões com outros grupos, em vez de se pensar empoderamento como conjuntos de estratégias necessariamente antirracistas, antissexistas e anticapitalistas e as articulações políticas de dominação que essas condições representam. (...) Há que se deixar muito bem pontuado que, uma vez que se trata de instrumento importante nas lutas emancipatórias de minorias sociais, sobretudo de cunho racial e de gênero, não podemos cair na vala comum e seguir permitindo que o termo padeça de relevância prática e ideológica por meramente cair nas raias do pensamento liberal, servindo, assim, de sustentação do saber que fatalmente é a raiz da situação que cria a necessidade de haver um processo de empoderamento. (BERTH, 2019, p. 35-36).

Essa influência que a cultura visual gera sobre a mulher pode ser explicada por Vygotsky em seu livro "Psicologia da arte" (1925), que diz que o ser humano é um ser histórico-social ou, mais abrangentemente, um ser histórico-cultural, assim, o ser humano é moldado pela cultura que ele próprio cria. Tendo em vista que a cultura é um conjunto de costumes, hábitos, crenças e conhecimentos, essa também se torna híbrida, mutável. Assim, vemos a importância das referências visuais na vida da pessoa e como isso interage, muda e influencia seu modo de viver e agir, e como essa repetição imagética e de crença sobre o corpo da mulher muda a maneira que as próprias mulheres agem e reagem sobre si próprias.

Se não tivermos uma apropriação do nosso próprio corpo o corpo vai ser de alguém e perdesse a liberdade de explorar a si mesmo, de ter conhecimento de si enquanto corpo sexualizado e feminino. A busca do prazer tem que ser um prazer. (FLORES, 2013, p. 31).

روحي



3. روي - RUHY

Ruhy, do árabe *Ruh* (alma)+ *Y* (minha). Minha alma.

A alma é um conceito religioso que, no meu ver, fala sobre essência, sobre o que vai além do corpo. A alma é o que perdura depois da morte do corpo. Das certezas que tenho sobre a minha vida, a certeza que minha alma é circundada pela minha produção artística é a mais clara. Minha produção é a essência do meu ser, é a conversa visual, a transcrição dos meus pensamentos, desejos e humores. A cerâmica é durável e perdura, assim como a alma.

Para expor minha produção, acho importante pontuar seus caminhos, significados e um pouco da parte técnica. Dei início à minha produção de maneira claramente agressiva e enérgica, sem entender muito bem o porquê. Produzindo, a sensação era muito boa. Rabiscando com raiva, amassando e sovando quilos de argila por vez. Minhas primeiras peças cerâmicas foram corpos de mulheres cis, com vulvas não muito entalhadas, com um formato corporal magro ou levemente robustas. Também as fazia com seios grandes e altos.

Figuras 3 e 4: Estudo: *Deusas*. Cerâmica, argila marfim e terracota, respectivamente. Queima de baixa temperatura. Yasmin Rifai, 2018. 10x4x4 cm.



Fonte: Acervo pessoal.

Nesse momento, percebi que a minha produção era um momento de expressão, de soltar energia, pensar de uma maneira diferente de quando me expressava com as palavras. A arte foi, além de tudo, essencial para o luto que eu passei devido ao falecimento de minha mãe, Fátima.

Fiz peças de cerâmica, pinturas, serigrafias e xilogravuras grandes. As vulvas começaram a ser o tema central, tudo acabava se relacionando com a imagem de vulvas, com a menstruação, com a figura da mulher gorda, nua e da natureza.

Figura 5: Tri-censura. Serigrafia sobre papel. Técnica de gravação de tela usando barbotina como bloqueador de luz. Obra exposta nos espelhos da escada do Instituto de Artes da Unesp, durante a residência L.O.T.E. Yasmin Rifai, 2018. 3x2m.



Fonte: Acervo pessoal.

Com o tema das vulvas, das folhas e da argila, refleti sobre a conexão entre esses elementos. O barro é a fonte de nutrientes para as plantas, que por sua vez fazem o mesmo com o ser humano. O barro como útero da vida, que gesta o mundo e a arte.

Uma artista que também explicita essa relação entre o barro e o útero é a Celeida Tostes. A artista aborda em várias obras questões sobre a mulher e o

universo feminino, abordando temáticas como a fertilidade, sexualidade e maternidade, como por exemplo em sua performance “Passagem”, em que a artista, com ajuda de duas assistentes, se envolveu em um vaso de argila, simbolizando o útero, e depois se desliza para fora, como se estivesse saindo do útero, nascendo.

Figura 6: Registros da performance “Passagem”, de Celeida Tostes, 1979.



Fonte: <https://hammer.ucla.edu/radical-women/art/art/passagem-passage>. Acesso em: 26 set. 2022.

Levei anos para entender o motivo de serem esses os temas que cercavam minha produção e, hoje, escrevendo meu trabalho de conclusão de curso e revisitando minha vida, percebo como era óbvio.

Esse trabalho é o meu grito de liberdade contra a pressão estética pelo corpo jovem, firme, feminino, subserviente e submisso. É a partir dele que nego a participação de uma série de rituais impostos pelo fato de ter uma vulva, mesmo que

nunca pudesse mostrar ou falar dela. O fato das mulheres representadas serem deusas é um lugar de libertação religiosa. Pintar a vulva ou sair na rua com uma vulva de cerâmica é pra mim o símbolo supremo dessa libertação. Eu faço porque eu posso, porque sou livre pra isso.

Minha produção também foi um ponto de reapropriação da imagem do corpo feminino, do meu próprio corpo. Crio as peças da maneira que eu quero, sem regras, sem moldes, sem obrigações. Percebi que minha produção é um local chave para o autoconhecimento. As vulvas me pariram, as deusas me acolheram, permitindo uma aceitação e um entendimento com a relação que eu tinha com o meu corpo. A cerâmica me permitiu entrar em contato com a terra, o lugar onde ficam as raízes, onde crescem as árvores e onde nascem as flores. A apropriação do símbolo da mulher, da mãe terra, da vulva, me permitiu fazer as pazes com a relação com o materno e ressignificou o teor negativo que eu tinha sobre a minha vulva.

Na cerâmica, usei essa liberdade de maneira mais significativa e expansiva. Explorei o torno, modelagem a mão livre, acordelado¹¹ e paleteado¹². Também explorei a questão de tamanhos, fazendo peças de um centímetro até peças de um metro e cinquenta e cinco.

Me identifiquei mais com a técnica do acordelado e percebi que essa produção se assemelhava muito a uma gestação. Quando se faz um acordelado de uma peça grande, é necessário que haja um tempo de espera entre as camadas cilíndricas para que a peça seque um pouco e ganhe estrutura. O tempo de gestar a peça, que cresce aos poucos. Com a estrutura da peça em argila pronta, se prepara o forno de cerâmica, assim como há um preparo para o parto, que tem seu tempo, seu calor. A peça sai do forno como uma criança sai do canal vaginal e o forno demanda trabalho e tempo para ser desmontado, assim como no puerpério¹³.

¹¹ Acordelado: Técnica base de feitura de uma peça cerâmica em que a construção do corpo argiloso é moldado a partir de cilindros de argila, também conhecido popularmente como "cobrinhas".

¹² Paleteado: Tipo de modelagem e afinamento de paredes de argila usando como método bater repetidamente nas paredes da escultura usando ferramentas diversas.

¹³ Puerpério: Momento de "resguardo" pós parto.

Figura 7: da esquerda para a direita, *Gaya* (2018, Cerâmica parcialmente esmaltada, 93x57x36 cm) e *Eva* (2019, Cerâmica e cimento, 155x96x87 cm), respectivamente, Yasmin Rifai, queima de baixa temperatura.

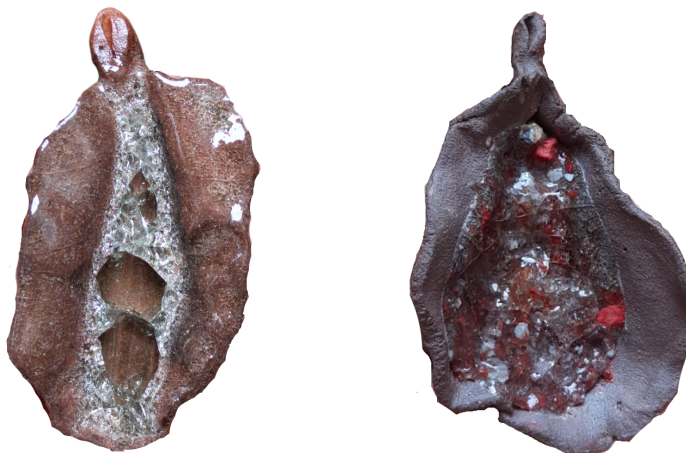


Fonte: Acervo pessoal.

Nas minhas explorações de materiais para queimar junto a argila, encontrei o vidro e a pasta de vidro¹⁴, e descobri neles o efeito brilhoso e craquelado, cintilante. Me identifiquei com os materiais, mas aderi mais ao uso da pasta de vidro ou do vidro com a pasta de vidro, combinados. Essa identificação com a pasta de vidro se deu principalmente porque ela possibilita criar o efeito do vidro sem ter "emendas" na peça, ou seja, o efeito envidraçado e brilhoso consegue ser dado a uma superfície côncava sem ter uma borda opaca, não envidraçada, em cerâmica pura.

¹⁴ Pasta de vidro: A pasta de vidro é feita com partes iguais de bórax e albita, podendo ou não adicionar esmalte e/ou pigmento. A água é adicionada à mistura apenas para auxiliar na aplicação, podendo ter texturas diferentes sem alterar o resultado. Eu entendi como de mais fácil aplicação a proporção de 1/2 de água. Na minha pesquisa prática, entendi o esmalte como fundente da mistura, auxiliando o efeito envidraçado a ficar mais transparente, cristalino e com um efeito mais líquido. Usei como proporção ideal: 1 parte bórax, 1 parte Albita, 1 parte esmalte 001, 1/2 água. Para uma massa de pasta de vidro mais homogênea, misturar primeiro os ingredientes secos para depois acrescentar a água. Quando desejava adicionar o pigmento, o fazia pontualmente sobre a massa molhada, sem misturar.

Figura 8 e 9: Diferença entre o uso de pasta de vidro e apenas vidro em Peças Yoni preciosa, da esquerda para a direita: pasta de vidro (queima de baixa temperatura) e vidro (queima de alta temperatura com redução). Cerâmica envidraçada, argila terracota. Yasmin Rifai, 2021.



Fonte: Acervo pessoal.

Também aprendi queimas diferentes, iniciando com queimas em forno elétrico de baixa temperatura, passando por raku, obvara, saggar e predominando a queima de alta temperatura com forno a gás.

Figura 10: Meu forno a gás aceso ao lado do vaso *Fátima* (Cerâmica, argila marfim e vermelha, queima de baixa temperatura, 37x26x7 cm. Yasmin Rifai, 2019.)



Fonte: Acervo pessoal.

A maior parte da minha produção em cerâmica foi criando objetos utilitários-expositivos. Criei muitos vasos com a imagem do corpo gordo utilizando a técnica do acordelado. O vaso é um recipiente que contém um ser vivo, que cresce, floresce. Podem-se criar as conexões com a gestante, com o útero como recipiente, da planta como consciência e até mesmo da relação da terra com fértil, com o que alimenta, que cuida. Os vasos são odes a deusa terra, Gaya.¹⁵

¹⁵Gaya: representação da Deusa da Terra, do panteão grego, escrito com Y por liberdade artística.

Figuras 11 e 12: Deusas Gaya. Cerâmica. Argila terracota, queima de baixa temperatura. Yasmin Rifai, 2019. 15x9x6 cm.



Fonte: Acervo pessoal.

Produzi muitos incensários cobertos com pasta de vidro e consegui o efeito brilhante de uma gema preciosa. Os incensários criam a conexão do sagrado e precioso da vulva com os rituais, a limpeza e a menstruação.

Figura 13: Incensário *Yoni Preciosa*. Cerâmica envidraçada, argila terracota, queima de alta temperatura. Yasmin Rifai, 2019. 10x5x3 cm.



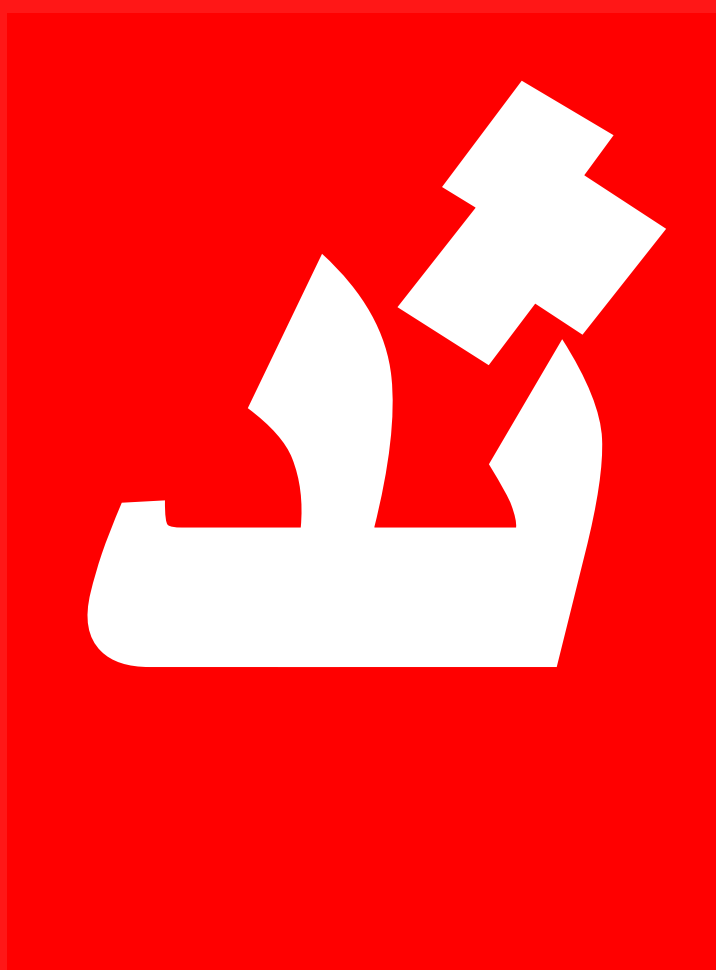
Fonte: Acervo pessoal.

Desenvolvi muitos pingentes que coloquei em colares e brincos. Fui criada sendo ensinada que mulheres deveriam sempre se arrumar, usar brincos, colares, jóias e bijuterias. Entendo que não é necessário o uso de adornos para “ser mulher”, e que seu uso tampouco faz alguém sê-lo, mas a partir desse costume adquirido encontrei outra forma de me impor. Posso manter o uso de jóias e adereços, mas esses adereços são representações de vulvas e deusas nuas. Usar um adereço que é uma representação de uma vulva no peito é um grito de orgulho.

Figura 14: Conjunto de colar e brincos Gota da deusa. Cerâmica e miçangas, argila creme, queima de baixa temperatura. Yasmin Rifai, 2020.



Fonte: Acervo pessoal.





3.1. ث - THAD

*Ó seios da grande mãe,
De ti me nutri de leite e amor,
Do seu coração brilhante nascem as árvores e o verde das florestas,
O verde das plantas que a partir da água e da energia do deus sol geram
alimento,
Do branco de seu leite vem a minha alma,
Que seu seio guie a força do feminino, da amamentação, do amor, do poder
e do alimento,
Esse seio que possui seu próprio formato e que acompanha as curvas da
natureza,
Da queda das cachoeiras,
Da copa das árvores,
Da Lua cheia dentro da lua crescente,
Que seus mamilos sagrados toquem a boca dos amores, dos amantes e dos
amados,
Para que eles possam se nutrir de natureza, beleza e gozo.
E assim será.*

THAD, do árabe, seios.

Dona das divinas tetas
Quero teu leite todo em minha alma
Nada de leite mau para os caretas
(COSTA, 1984).

Por grande parte da minha vida, meus seios foram motivo de vergonha. Foi uma batalha parar de me torturar com sutiãs, os quais comecei a usar com apenas 8 anos de idade. A explicação do porquê a necessidade de usar sutiã naquela idade era que meus mamilos (infantis) já reagiam ao frio e começavam a criar relevo nas blusas. Meus mamilos já chamavam a atenção, por isso eu precisava me proteger. Nessa idade o uso de sutiãs me agradava porque com eles eu me sentia mais "adulta", e adultos têm liberdade.

vergonha
substantivo feminino
1. desonra que ultraja, humilha; opróbrio.
2. o sentimento desse ultraje, dessa desonra ou humilhação; opróbrio.
(VERGONHA, [s.d.])

Após minha menarca, aos 12 anos, comecei a perceber que meus seios não estavam se desenvolvendo de maneira satisfatória pra mim. Eu sentia diferença entre o meu corpo e das minhas colegas de sala. Então, o sutiã, aquele pedaço de pano, espuma e metal que eram uma obrigação, se transformaram em uma segurança. Os usava até para dormir e só os tirava para tomar banho, colocando eles de volta assim que saía do chuveiro, enquanto o espelho do banheiro ainda estava embaçado, assim evitava encarar minha imagem no espelho com os seios desnudos.

Usava sutiãs em estilo "*push up*", os quais vem com uma quantidade a mais de espuma na parte inferior, assim os seios ficam por cima da espuma de enchimento, fazendo com que haja a impressão de serem maiores. Muitas vezes ainda acrescentava um par de meias grossas em cada lado do sutiã para aumentar o volume. Lembro da sensação de me sentir "mais mulher" quando usava, e me sentia cada vez mais pertencente ao grupo e as referências que eu tinha de modelos e celebridades. Aos 15 anos eu já pesquisava locais para fazer cirurgia plástica e colocar silicone.

O número de cirurgias plásticas realizadas no país subiu de 629 mil, em 2009, para 720 mil, em 2010, segundo os dados da SBCP. Desse total, estima-se que 73% sejam cirurgias estéticas e 27% reparadoras. Ou seja, por ano são realizadas no país cerca de 110 mil cirurgias de aumento de mama, o que corresponde a uma média de uma cirurgia a cada 5 minutos. (ALVARENGA, 2011).

Ao mesmo tempo que o seio é considerado algo belo e existe uma pressão social para mostrar seu contorno ou decote, caso uma mulher queira andar com eles desnudos (como é comum com homens cis, que andam sem camisa sem muito alarde) esses mesmos seios são tidos como "obscenos", podendo gerar pena de detenção de três meses a um ano ou multa segundo o artigo 233 do Código Penal brasileiro (criado em 1940) para a pessoa que ousar andar com os seios desnudos, desde que essa pessoa seja julgada ou declarada como mulher ou tenha seios tidos socialmente como "femininos".

É importante aqui termos em mente que vivemos em uma sociedade ainda patriarcal, marcada pela desigualdade de gênero e que sexualiza e objetifica o corpo da mulher. Os seios femininos à mostra são problemáticos quando se prestam ao lazer dela (como no caso do topless) ou são desnudados como forma de protesto. Mamas que amamentam até recebem alguma reprovação social, mas seios expostos para a satisfação da lascívia masculina em circunstâncias como o Carnaval são plenamente aceitáveis, até mesmo fomentados pela indústria do entretenimento, demonstrando o quão cultural é o juízo de valor a ser adotado no caso da tipificação do artigo 233 do CP. (MORETZSOHN; BURIN, 2022).

O seio feminino ao mesmo tempo que é obsceno, penalizado, também é objeto de desejo. O tamanho dos seios, formatos e cores está intimamente ligado ao conceito de feminino. Nos anos 2000, o padrão de estética para os seios femininos se popularizou sendo ou seios ideais grandes, redondos, cheios, com mamilos centrais, pequenos e de preferência rosados. Esse seio ideal e jovial, firme com o aspecto de algo recém formado conversa diretamente com a atração por meninas jovens, não mães e virgens. Essa conexão revela ao mesmo tempo um inconsciente ligado a pedofilia e o culto pela mulher virgem embasada pela religião. O cirurgião plástico Leandro Possamai, Membro Especialista da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, explicita esse padrão de preferência em seu site pessoal.

De acordo com um estudo envolvendo 1.315 pessoas e 53 cirurgiões plásticos, cerca de 90% concordaram que a mama ideal possui um polo superior em um declive suave e preenchido, o mamilo posicionado no ponto de maior projeção da mama e o polo inferior curvado. (POSSAMAI, 2020).

Esse seio jovem se opõe ao seio caído e ou com aureolas grandes que, por ser o oposto ao ideal, traz a sensação de "velho", "mal cuidado", "mal visto", "feio".

Acontece que o seio não ideal, com certa flacidez, com auréolas e formatos distintos é um seio, natural e real, que se vê amplamente na população, já que somos únicas. O seio da mãe, que já teve o propósito da amamentação, tem o seu caimento e estética próprios. A possibilidade de produzir leite e nutrir uma criança faz parte da evolução humana e possibilita a nossa espécie a ser como ela é, e além de ser algo natural, é um fator importantíssimo e grandioso. Mesmo assim o seio que se é "venerado" socialmente e desejado é o seio jovem, que tem como único propósito o consumo sexual.

Conversando com outras mulheres, sendo as mais conservadoras ou não, o meu posicionamento ou minha necessidade de discutir ou debater sobre os seios e as expectativas sobre eles nunca foram muito correspondidas. A resposta normal era um sim, não ou no máximo um desenvolvimento breve de uma frase ou duas sobre o assunto. Essa falta de profundidade espanta por não haver a importância devida à disforia que tem a mulher que se sujeita a uma cirurgia plástica de aumento ou levantamento de seios. A cirurgia plástica é algo invasivo e extremo, e mesmo assim muitas se sujeitam a isso. O seio da mulher se tornou algo para o consumo masculino e coletivo. É tarefa da mulher ter o corpo dentro do padrão e satisfazer o seu parceiro. É papel da mulher ter um corpo aceitavelmente dentro do padrão para ser exposto ao público, para que as pessoas possam ver, seja pessoalmente, nas redes sociais ou em fotografias. O corpo da mulher é a vitrine do mundo.

Figura 15: *Deusa para aromaterapia*. Cerâmica. Argila terracota e vermelha, queima de baixa temperatura. Yasmin Rifai, 2021. 5x3x3 cm.



Fonte: Acervo pessoal.





3.2. بطن - BATHN

*Óh belo umbigo
Ralo energético corporal da conexão do ser
A partir de ti me conecto a minha aura, ao externo
Tu és a cicatriz profunda do cordão umbilical
Cabo de alimentação física, emocional e energética
Da época em que eu era apenas um conjunto de células
Que dependia inteiramente do corpo de minha mãe
Óh bela pança
Com formato redondo, protuberante, irregular
Com estrias, celulites, manchas e pintas
É para ti que dedico enorme amor
E peço perdão por todas as vezes que te vi como feio e indesejado
Por todas as vezes que te encolhi, te preendi, te forcei
Peço a grande mãe que ensine aos que cruzam
Se permitir expandir e projetar
Seu abdome, seu umbigo e sua energia
E que vejam a sacralidade do seu corpo rico
Com mais conforto, abertura e atenção
E assim será!*

BATHN, do árabe, abdome.

Neste capítulo, gostaria de comentar sobre uma pessoa não tão presente em minha vida, porém com grande importância. Dona Lurdes, matriarca e minha avó paterna. É ao redor dela, ou melhor, em suas "redondezas" que tenho ótimas lembranças dos meus primos e da família do meu pai. Dona Lurdes realizava banquetes, me alimentava bem e com coisas simples. Ela nunca compartilhou muito de sua vida, mas sei que casou com meu avô por amor e pariu 3 meninos: meu pai e meus tios. Desde que nasci, ela sempre usou cabelo curto, sempre teve os grisalhos assumidos, uma imagem típica de "vovó".

Quando lembro da minha avó me vem a imagem de Muriel, personagem da animação "Coragem, o cão covarde". Além de se parecerem fisicamente, no desenho, o personagem principal, Coragem, sempre que tinha medo ia até Muriel, que lhe proporcionava conforto e segurança.

Figura 16: Muriel Bagge, Personagem do desenho "Coragem, o cão covarde" que me remete à dona Lurdes.



Fonte: https://coragem.fandom.com/pt-br/wiki/Muriel_Bagge. Acesso em: 14 jul. 2022.

Foi através da imagem da minha vó Lurdes que foi me passado um dos conceitos e posicionamentos que mais marcaram a minha vida. Dona Lurdes é incrível, mas para muitas pessoas ela tinha um diferencial, um defeito: Lurdes é gorda.

Dona Lurdes tem o formato corporal que se assemelha a uma pêra, ou seja, as costelas são mais finas que o quadril, é uma mulher de ancas largas e meu corpo tem esse mesmo tipo de estrutura. Quando criança meu corpo era gordinho e firme, o que me garantiu o apelido de "Lurdinha". De todas as mulheres gordas que conhecia até então, dona Lurdes era diferente porque ela não estava tentando emagrecer, não era louca das dietas, não reclamava do seu corpo. Ela era apenas uma velhinha simpática que morava em meio às plantas.

Eu entendo que existe um ônus a pessoas obesas como mobilidade dificultada e algum tipo de dependência, como era o caso da dona Lurdes, mas eu não vejo esse mesmo ônus ser apontado, com a mesma intensidade de julgamento para pessoas magérrimas.

Cresci querendo fugir desse apelido, que tinha uma conotação claramente negativa, criando o objetivo da magreza. Essa pressão vinha tanto da família quanto das novelas, comerciais, vídeos, videoclipes, revistas etc. Lembro que, com 8 anos, fazia planos de pegar minha tesoura de costura e recortar a parte da minha barriga que eu conseguia pinçar quando ficava sentada. Nunca cheguei a executar o plano, mas pensava nele em muitas ocasiões. Com a minha menarca, eu fiquei mais alta e mantive o mesmo peso. Me tornei socialmente uma mulher "magra" e os nomes que meus colegas me chamavam foram trocados pelo meu nome, por um momento eu era só a Yasmin.

Com o passar dos anos eu ganhei peso e meu abdômen, que sempre foi um incômodo, se mostrava mais aparente. Aos 15 anos entrei na academia e foi o momento da minha vida que desenvolvi compulsões alimentares. Eu controlava todas as calorias que eu comia, tomava laxantes e termogênicos, tinha uma ingestão diária total de 700 kcal. Passava, em média, 4 horas na academia por dia e fazia mais 200 abdominais antes de dormir. A comida, que é um dos maiores prazeres da minha vida, se tornou um fardo horrível. Eu cheguei a pesar 40kg com 1,58m. Mesmo assim não estava feliz.

fobia
substantivo feminino
1. medo exagerado.
2. falta de tolerância; aversão.
(FOBIA, [s.d.])

No início do século XXI, um conceito muito difundido e até hoje famoso era do abdômen "negativo", em que a beleza consistia na mulher com cintura fina e com um abdômen que ao invés de se projetar para frente, se projeta para dentro ou segue a linha das costelas.

Esse padrão, junto ao corpo magro, sem gordura nas laterais das costelas ou próximas ao quadril configuram até hoje o conceito de beleza e equiparam o belo ao magro. Essa fixação pelo corpo magro, com o difundir das redes sociais e o surgimento de influenciadores digitais, geram desconforto ao pensar em doces e comidas que não eram "*Low carb*", como discorrido no artigo de Victoria Lacerda.

O corpo helenístico exibido pelas influenciadoras e influenciadores nas redes sociais não é necessariamente saudável e, além disso, é possível ser gordo, feliz e ter saúde. O acompanhamento de nutricionistas e endocrinologistas é essencial para a compreensão do seu corpo. Se a obesidade é, por um lado, um problema de saúde pública, a pressão por um corpo perfeito e seus impactos na saúde mental das pessoas é tão grave quanto. (LACERDA, 2021).

Essa pressão estética, inclusive, é também agravada pela falta de acessibilidade para o corpo gordo, chamada de gordofobia. Assentos de cinema ou de transporte público, roupas, sapatos, espaço das catracas, todos trabalhando em conjunto para apontar que aquele corpo não é o "padrão". Essa aversão ao corpo gordo anda em conjunto com vários preconceitos, como o de pessoas gordas são preguiçosas, gulosas e menos capazes, o que é inclusive citado na Bíblia, em Provérbios 23:20-21.

Não ande com os que se encharcam de vinho, nem com os que se empanturram de carne. Pois os bêbados e os glutões se empobrecerão, e a sonolência os vestirá de TRAJOS.
(BÍBLIA, Provérbios 23:20-21).

Na cultura visual, com o enaltecimento do corpo magro em propagandas, novelas, redes sociais etc, existe uma parcela de culpa na pressão estética a favor do corpo magro, uma vez que a mulher gorda não vê com a mesma intensidade na mídia como um corpo feliz ou sensual. A falta de representatividade afeta e afasta a mulher do seu corpo natural.

representatividade
substantivo feminino

1. qualidade de representativo.
 2. qualidade de alguém, de um partido, de um grupo ou de um sindicato, cujo embasamento na população faz que ele possa exprimir-se verdadeiramente em seu nome
- (REPRESENTATIVIDADE, [s.d.])

Outro artista que abrange o tema do corpo gordo em uma linguagem diferente da cerâmica é Miro Spinelli, na sua performance "gordura trans", em que o artista traz a correlação do corpo gordo com a gordura, trazendo a reflexão do corpo gordo, nu e transgênero como algo a ser visto.

Figura 17: Miro Spinelli performando "gordura trans".



Fonte: <https://www.mirospinelli.com/gordura-trans-trans-fat>.

O corpo gordo é, para todos os efeitos, um corpo indesejável. Está categoricamente instituído que desejar um corpo gordo para si ou desejar eroticamente o corpo gordo de outro é uma espécie de fetiche patológico. A não ser que uma mulher esteja gorda porque está grávida, ou que as tetas caídas estejam produzindo o doce e gorduroso leite para o filho do rei. Os reis aqui são todos os pais que esperam um prêmio por desejar as esposas gordas diante do místico dever da procriação. Todos os outros gordos estão proibidos e condenados como tudo o que é excessivo, protuberante e irregular ou o que ultrapassa os limites do útil e do necessário. Assim, o corpo está submetido a uma funcionalidade e eficiência onde qualquer desvio desses paradigmas deve ao menos se cobrir para não ferir os olhos do cidadão de bem comendo suas saladas de alface. (SPINELLI, 2015.)

Assim como Miro Spinelli, acredito que existe essa necessidade de expor o corpo gordo para auxiliar na falta de representatividade. Acima da representação por si só, acrescento nas minhas peças o conceito de sagrado sobre esses corpos, trazendo a idéia de abundância e prosperidade ligada ao corpo gordo e abundante.

Figuras 18 e 19: Deusa para aromaterapia. Cerâmica. Argila tabaco, queima de baixa temperatura. Yasmin Rifai, 2021. 4x3x3 cm.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 20: Deusa Vênus. Cerâmica. Argila terracota, queima de baixa temperatura. Yasmin Rifai, 2021. 10x5x5 cm.



Fonte: Acervo pessoal.





3.3. الفرج - ALFARAJ

Vulva

Essa parte tão pequena do corpo mas ao mesmo tempo com tanta importância

O coração e a alma da humanidade

Das sensações, dos prazeres e dos traumas

PEPEKA

Uma manifestação da beleza da unicidade de cada ser

Casa dos pequenos lábios, dos grandes lábios e dos pelos,

Da uretra e da entrada do canal vaginal

Do clitoris, das glândulas de Bartholin e de Skene

Suas voltas e curvas envolvem a aura do prazer

XOTA

Ó gloriosa vagina

Que teve seu nome profanado em prol do consumo e prazer do pênis

Com seus músculos, sua flora, seus sucos

A cachoeira das águas e do sangue

A porta do caminho sagrado ao útero

O PORTAL DA VIDA

Ó precioso útero

*Dono da conexão com os ciclos da lua e da terra
O que conecta as mudanças internas com as externas
Tú és o protagonista da gestação humana
Com seus ovários tão bem evoluídos
Sua gestação maternal e protetora
Em que o feto está totalmente protegido dentro de si
Assim como a grande mãe terra nos protege e nos da nutrição*

YONGI

*Ó delicioso clítoris
Que foi por tanto tempo invisibilizado
Pouco pesquisado e procurado
Que suas ondas de prazer inundem essa vida
Que esse tsunami quebre todas as estruturas maléficas de pensamento,
comportamento e sentimento.
Que o gozo lave a alma dos amantes do corpo
Que a rotina se ressignifique pelo estado orgástico de viver
E que a deusa abençoe essa potência,
Assim como ela tem abençoado as que se permitem.
E assim será.*

ALFARAJ, do árabe, a vulva.

Origem da palavra vagina

Do latim vagina, que significa “bainha” (...)

Inicialmente, vagina era o termo dado a bainha que cobria a lâmina de uma espada.

O anatomista alemão Johann Vesling (1598 – 1649) usou a palavra vagina pela primeira vez para descrever o órgão sexual feminino em 1641, como uma referência a “bainha que cobre a espada”, ou seja, o pênis sendo envolvido pela vagina, durante o ato sexual. (VAGINA, [20?]).

Diferente do abdome, a vulva não é um tópico que é discutido, mostrado e influenciado direta e abertamente, existe uma vergonha associada a genitália que não existe no resto do corpo. Surfando pela internet não aparecem em abundância anúncios como "5 alimentos para diminuir sua vulva", como acontece com o abdome. A vulva, vagina e ovários são inclusive órgãos que foram vistos por muito tempo como defeituosos por si só, pois se acreditava que eram órgãos masculinos subdesenvolvidos, como explicita a ceramista e pesquisadora Flavia Leme de Almeida em seu artigo "Volver a Vulva".

O pensamento acerca das contradições entre os corpos masculinos e femininos é muito antigo e vem desde Aristóteles, em que conceitos sobre o que diferenciava os corpos era uma espécie de calor vital. Sendo o corpo feminino imperfeito, mais frio e úmido, ele era incapaz de ter calor o suficiente para exteriorizar seus próprios órgãos sexuais tendo-os, portanto, de forma invertida aos dos homens. Construiu-se dessa maneira uma potente imagem estigmatizada do corpo feminino que perdurou até o século XIX, período onde se predominou conceitos radicais sobre as discrepâncias entre os sexos. A mulher seria a imagem imperfeita do homem, seu contrário defeituoso, atrofiado. (ALMEIDA, 2020, p. 99).

Esse aspecto defeituoso gera uma sensação negativa persistente sobre a estética da genitália, mesmo sendo um tópico que fica, literalmente, por debaixo dos panos. A “vulva perfeita” tem lábios internos pequenos, capuz clitoriano pequeno, sem “rugos” ou “sobra de pele”, com a coloração uniforme, preferencialmente rosada e sem pelos, padrão e muito reforçado na pornografia. Assim como acontece com os seios e o abdome, a cultura visual e a pressão estética sobre a vulva geram conflitos e disforias, e no Brasil isso resultou em 68% das mulheres estando desgostosas com a aparência de suas genitálias, como pesquisado em "Os estigmas da Vagina", por Intimus com parceria de Nielsen Brasil e Troiano Branding, e discutido no artigo da Dra. Rebeca Gerhardt.

O FORMATO OU O ASPECTO DA VULVA AINDA GERA ANGÚSTIA E DEMASIADA INSEGURANÇA PARA MUITAS MULHERES. 68% das brasileiras têm algo que não gostam na própria vulva, e isso coloca o nosso país no topo da lista de intervenções cirúrgicas íntimas. Esse é outro cenário que revela o quanto muitas mulheres são motivadas por padrões estéticos de beleza (muitos trazidos da indústria da pornografia) e deixa claro que não levam em consideração as individualidades das formações genitais de cada uma delas. (GERHARDT, [20?]).

É interessante fazer a correlação dessa vulva ideal com a vulva jovem e infantil. Por não ter passado pelo desenvolvimento corporal gerado pelos hormônios na adolescência, a vulva infantil não possui pelos e possuem, em geral, lábios menos desenvolvidos, além de terem uma coloração mais uniforme, já o escurecimento dos lábios vaginais vem, em parte, pelo atrito. Assim, esse desejo pela vulva ideal reflete no desejo pela vulva jovem, que também entra no conceito e desejo pela mulher virgem. Com a difusão das cirurgias plásticas, esse desconforto gerado pela pressão estética de como seria uma "vulva ideal" alimentou a difusão das intervenções cirúrgicas íntimas, tornando o Brasil recordista em labioplastias, tema discorrido no artigo de Mariana Garcia.

O Brasil é recordista mundial em cirurgias íntimas femininas. Só em 2020, a labioplastia (...) foi feita por 20.334 mulheres no país, segundo a Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética (Isaps, na sigla em inglês). Os Estados Unidos ocupam o segundo lugar, com 13.697 cirurgias realizadas.(...) Para a ginecologista Lucia Alves da Silva Lara, presidente da Comissão Nacional Especializada em Sexologia da Febrasgo (Federação Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia), a busca pela labioplastia muitas vezes é só estética. Mulheres buscam a cirurgia porque acreditam na “vulva perfeita”. (GARCIA, 2022).

A pressão estética também acaba afetando a saúde íntima porque ela se estende para além do visual, criando uma expectativa de como deve ser sua textura, sabor e cheiro da genitália. Com a popularização de lubrificantes com sabor, sabonetes íntimos, desodorantes íntimos e duchas vaginais, é comum a limpeza excessiva da vulva e vagina, que desencarreta em desregulações na flora vaginal, podendo desencadear em infecções e alergias.

A vulva, a vagina e o útero ganham uma conotação negativa também com o medo da menstruação, das dores menstruais, da dor do parto e das diversas "histórias de terror" que são contadas pelas mães, avós, tias e amigas. Além desse terror criado sobre as dores e nojos de ter uma vulva e um útero, ainda se é pouco

explorado o prazer e a potencialidade que a vulva pode ter, com o clítoris. O clítoris é extremamente subestimado e pouco conhecido, sendo um órgão feminino que tem como única função o prazer. Essa falta de conhecimento sobre a anatomia íntima é discutida no artigo de Bruna de Alencar.

Uma pesquisa publicada em março deste ano liderada por ginecologistas e epidemiologistas do Reino Unido revelou que, entre 191 participantes, apenas 46% conseguiram identificar que as mulheres possuem "três buracos": uretra, abertura vaginal e ânus. Quando foi pedido para que os participantes nomeassem cada uma das sete estruturas que compõem a vulva, quase metade (46%) não respondeu. Entre os participantes que tentaram, apenas 9% responderam corretamente, enquanto quase metade não conseguiu identificar a uretra e 37% rotularam incorretamente o clítoris. (ALENCAR, 2021).

Todo esse tabu existente sobre a vulva impede que a mulher (ou pessoa com vulva) desenvolva uma relação saudável com sua genitália, uma vez que os estímulos externos em relação à genitália são, em um geral, negativos e opressores. Essa relação conturbada com a vulva é abordada também por muitas artistas, como por exemplo, Juliana Notari, que aborda o tema da vulva e da violência existente sobre ela em diversas de suas obras, como em "Diva".

Figura 21: *Diva*, Juliana Notari. Cimento e resina. 33 m.



Fonte:

<https://www.bowiecreators.com/project/diva-the-33-meters-vulva-sculpture-by-brazilian-artist-juliana-notari> Acesso em: 4 out. 2022.

Diva foi atacada nas redes e na imprensa talvez pelos mesmos que atacaram a exposição Queer Museu em 2017 e que hoje ocupam cargos e posições políticas importantes no degenerado governo moralista atual. Não só no Brasil do século XXI, mas ao redor do mundo, a implantação de governos marcados pela austeridade, pelo fim dos programas sociais e pela militarização da vida é acompanhado por discursos misóginos e racistas fortalecidos pela “defesa da família” e da fé. Assim, ao entranhar-se nos canaviais, a vulva de 33 metros (re)apresentada por Juliana Notari atualiza e renova a discussão em torno do legado colonial. Não apenas porque a obra situa-se na paisagem e em diálogo com esta, uma antiga usina de cana de açúcar, mas porque ao relacionar violência de gênero como passado colonialista a artista aprofunda a necessária discussão em torno da constituição de uma desigual sociedade marcada pela violência estrutural de raça e gênero, como o caso Brasil. (SALES, 2021, p. 339).

Graças a esse relacionamento conturbado, a correlação formato/genitália se distancia a ponto de criar um estranhamento e até mesmo uma negação quando o indivíduo vê algo que se assemelha com uma vulva. Diferente do phalo e do falocentrismo¹⁶, o formato de algo que se associa ou assemelha a uma vulva não tem uma ligação direta com o órgão. Muitas das vezes que expus minhas peças, as representações que vinham da mente das pessoas eram conchas, pedras ou búzios.

Figuras 22 e 23: Correlação entre as representações da vulva e de um búzio. Da esquerda para a direita, cinco vistas da concha do molusco *M. moneta*, também conhecido como búzio; Peça Yoni preciosa de parede. (Cerâmica envidraçada, argila tabaco com pasta de vidro e óxidos. Queima de alta temperatura. Yasmin Rifai, 2021. 16x8x5 cm.)



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Monetaria_moneta. Acesso em: 15 set. 2022. Acervo pessoal.

¹⁶ Falocentrismo: Visão ou forma de pensamento que defende uma superioridade masculina. (FALOCENTRISMO. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [online], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/falocentrismo> [consultado em 20-10-2022].)

O conceito de joia e de preciosidade também é abordado nas minhas obras tanto nos nomes das obras quanto com a utilização de vidro no interior das obras cerâmicas. Por esse conceito e terminologia serem abordados no meu trabalho, acho importante discorrer sobre os porquês.

A vulva é por muitas vezes relacionada a uma joia no conhecimento popular, mas, por muitas vezes esse conceito de preciosidade vem com a conotação de ser algo que você não doa para qualquer pessoa, também ligado ao “objeto mais precioso” que a pessoa pode ter. Além disso trazer um preconceito de que a mulher só tem valor devido sua genitália, esse termo trata a vulva como objeto, algo a se “dar” para alguém “consumir” (daí vem o termo consumir¹⁷), ou “comer”, termo usado como gíria popular. A vulva como objeto a ser consumido também é abordado na obra de Judy Chicago, “Dinner Table”.

Figuras 24 e 25: “Dinner table”, em tradução livre, mesa de jantar, de Judy Chicago.



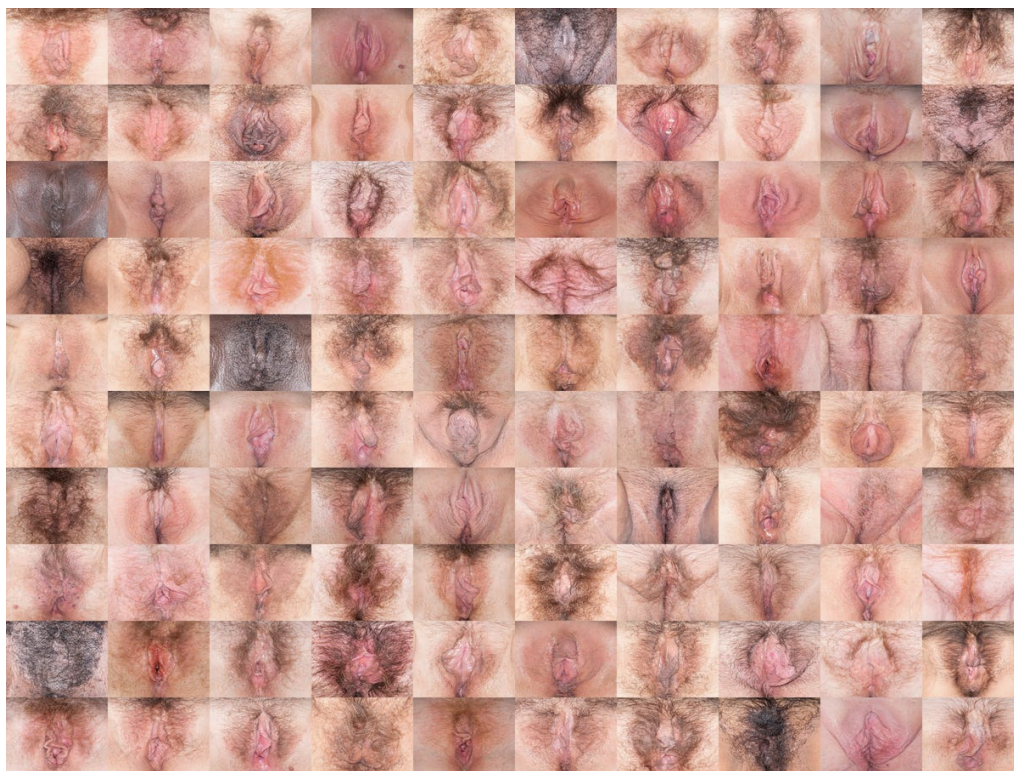
Fonte: <https://www.artsy.net/artwork/judy-chicago-the-dinner-party>. Acesso em: 4 out. 2022.

A partir desse contexto em que a vulva é algo precioso, tento reapropriar esses termos e esses ditos populares porém, colocando a sexualidade, o contato com a genitália e o orgasmo como momento de reza, de contato com o divino, de sagrado em que essa preciosidade não é colocada como necessidade de resguardo, mas sim como potencialidade.

¹⁷ Consumar: do latim *consummo*, -are (...). 2. Ter, um casal. relações sexuais pela primeira vez depois da cerimônia de casamento (ex.: consumir o matrimônio). ["CONSUMAR", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/consumar> [consultado em 21-10-2022].

Com minhas peças, busco possibilitar a reflexão do por que a vulva deve ser vista como algo sujo, escondido, e trato essa imagem da vulva como eu acredito que ela deveria ser tratada: como algo sagrado, bonito, potente.

Figura 26: Vulvas. Fotomontagem de Laura Dodsworth, no livro *Womanhood: the bare reality*.



Fonte: https://refinery653.rssing.com/chan-72223680/all_p268.html. Acesso em: 17 ago. 2022.

3.3.1. كسي - KUSSY

KUSSY, do árabe *kuss* (boceta) + *Y* (minha). Minha boceta.

Sempre tive contato com a minha vulva, olhava ela com frequência no espelho desde quando eu era criança. Também sempre me masturbei, desde que me entendo como gente. Ao mesmo tempo, era ensinada a não fazer nenhuma dessas duas coisas porque isso era errado e feio. Cresci tendo a vulva como um lugar de dualidade, ao mesmo tempo que me gerava prazer e curiosidade, me gerava vergonha. A minha vulva tinha sido, até o início da minha vida adulta, uma característica negativa. Como ela era, o seu cheiro, os seus líquidos, mas principalmente porque a existência dela no meu corpo ditava quem eu deveria ser, o que deveria fazer e como deveria me portar.

Figura 27: Incensário Yoni preciosa triluna, cerâmica envidraçada, argila terracota, queima de alta temperatura. Yasmin Rifai, 2021. 12x6x4 cm.



Fonte: Acervo pessoal.

Sendo sempre uma mulher que explorou e adentrou em sua própria sexualidade, na terapia descobri que eu sempre vi a minha vulva como reflexo de quem eu era, as ações que tinha em relação a minha sexualidade eram uma tradução do que eu acreditava que merecia. Minha vulva é o símbolo máximo de quem eu sou e da relação que tenho comigo.

Eu fui ensinada que, por ter uma vulva, deveria estar sempre depilada. Eu fazia depilações com cera quente, e por ter uma pele considerada sensível, sempre que fazia depilação me era arrancado junto dos pelos a pele e o sangue. Cheguei a ficar semanas me recuperando do trauma, ficando com cicatrizes. Mesmo assim eu fazia, porque acreditava que isso me era necessário para ser mulher.

Também fui ensinada que deveria viver o meu período menstrual como se absolutamente nada estivesse acontecendo. Deveria superar as cólicas, esconder os absorventes e o volume que eles faziam no meu púbis. Eu deveria fazer o máximo para que os absorventes não “vazassem” e “manchassem” minhas roupas, para ninguém ver a minha menstruação. Eu deveria ter nojo e asco do meu sangue. Deveria usar absorventes descartáveis para simplesmente jogar no lixo, assim como se joga o papel que se usa ao defecar.

Fui ensinada que deveria deixar minha vulva o mais agradável possível para o meu marido ou parceiro. “Homens gostam assim” e por isso eu deveria ignorar e suprimir minhas vontades, meus desejos e minha personalidade de forma a agradar.

O momento que eu abracei minha vulva como algo completo e perfeito, sem necessidade de intervenções cirúrgicas, nem de constantes duchas vaginais, nem de depilações compulsórias, e que meu sangue era na verdade algo a ser celebrado, adorado e cultuado, consegui me ver em paz comigo mesma. Essa paz veio porque, principalmente, eu parei de ter nojo de mim mesma e de todos os aspectos da minha vulva e de tudo o que ela circundava e representava.

Encerro esse capítulo ilustrando um caso recente que me aconteceu. Um dia fui à casa da minha avó Jamile usando um dos meus colares Yoni com lábios, que normalmente evito usar pelo fato da minha avó ser mais religiosa, mas nesse dia eu havia esquecido que eu estava usando um colar. Logo que entrei já se iniciou o diálogo:

- O que é isso? É uma *kuss*?
- Uma o que? - eu disse, não entendendo.
- Uma *kuss*.
- Não sei, o que é isso?
- Uma boceta!

Foi a partir da minha produção que eu ouvi pela primeira vez minha avó falar abertamente a palavra BOCETA.

Figura 28: Incensário Yoni preciosa sangrando. Cerâmica envidraçada, argila terracota, queima de alta temperatura. Yasmin Rifai, 2020. 16x6x4 cm.



Fonte: Acervo pessoal.

Espalhando o
conhecimento



MONTAGEM DE ILUSTRAÇÕES FEITA POR GIULIANA NARDINI, 2019.

FONTE: ACERVO PESSOAL.

ILUSTRAÇÕES: DEUSA, YONI E FOLHA. YASMIN RIFAI, 2019.

4. Espalhando o conhecimento: Oficina de educação sexual através das artes

Que a arte na realidade não se aprende. Existe, é certo, dentro da arte, um elemento, o material, que é necessário pôr em ação, mover, pra que a obra de arte se faça [...] Mas nos processos de movimentar o material, a arte se confunde quase inteiramente com o artesanato. Pelo menos naquilo que se aprende. (ANDRADE, 2016, p.1).

Qual é o momento que olhamos para nossa vulva? Em muitas vezes, o olhar sobre a própria vulva tem o caráter médico ou de julgamento. Esse olhar constante de não acolhimento sobre si mesma gera diversos problemas.

Com a minha produção em cerâmica eu tinha vontade de mudar esse mal estar, esse caráter julgador e que todas fossemos capazes de abraçar esse bem estar e conforto com o próprio corpo.

Pensei então em como lidar com essas questões e ajudar as pessoas de uma maneira mais ativa, como facilitar esse processo e essa proposta que eu tenho na minha cerâmica. Com o uso das peças, o objetivo é que a pessoa traga essa reflexão do que aquele símbolo representa para ela, como ela lida com essa representação e por consequência, como ela lida com o próprio corpo. Acontece que essa proposta e essa abordagem propõe um desenvolvimento sobre o assunto minimamente "introspectivo", a pessoa deve, sozinha, chegar a essas conclusões e reflexões.

O grande problema nessa abordagem é que para que se chegue nesse lugar reflexivo já se deve estar aberta ao assunto, a pessoa precisa querer comprar e usar uma representação da vulva, e nem todas já chegam até mim com as "portas abertas" ou com o "caminho" pronto. A partir dessa reflexão, vi o meu papel de arte educadora e me perguntei como eu poderia abordar esse assunto que envolve auto estima, feminismos e educação sexual.

A caixa
de Eva.



4.1. A caixa de Eva.

A partir da vontade de auxiliar as pessoas a terem um contato mais saudável e verdadeiro com o seu corpo surgiu a Caixa de Eva, um projeto em conjunto com a sexóloga Sayuri Suezawa que tinha como meta criar um meio com que as pessoas com vulva entrassem em contato consigo e com sua sexualidade. Queríamos que todes fossem capazes de conseguir quebrar barreiras comportamentais antes impostas pela sociedade, podendo ressignificar e reapropriar sua auto imagem.

Desenvolvendo esse projeto, houve a vontade de fazer coisas grandiosas, mudanças radicais e estruturais em forma de oficinas, workshops e retiros meditativos. Nessa ideia inicial acabamos encontrando vários problemas, como investimento, localização e principalmente, público.

Entendemos a importância e a necessidade dessas discussões mais agressivas, de um certo modo, mais avançadas no quesito de conhecimento do próprio corpo, mas percebemos que o público que atingiríamos, nesta proposta, não seria um público tão abrangente e que, provavelmente, esse público já seria minimamente progressista no assunto da sexualidade. Gostaríamos que essas informações chegassem a mulheres que precisavam, e nem todas elas teriam condições financeiras para arcar com um workshop.

Decidimos, então, que seria importante promover esses workshops também de maneira gratuita. Porém, encontramos uma barreira monetária, já que incluiria os custos básicos de locação, limpeza, locomoção, materiais etc.

A partir dessa vontade, desenvolvemos um projeto que arrecada fundos com a venda de produtos, tornando possível os workshops gratuitos, que seriam dados em ONGs¹⁸ para mulheres em situação de vulnerabilidade social, como vítimas de violência doméstica. Esses workshops, além de colocar essas mulheres em contato com seu corpo e sua auto estima, também tinham o objetivo de abrir uma possibilidade de renda monetária, já que essas aulas seriam ensinadas habilidades manuais passíveis de venda.

¹⁸ ONGs: sigla de Organização não governamental.

Tínhamos a vontade que esse produto, que bancaria os workshops, também fosse benéfico no quesito de autoconhecimento, auto estima, prazer pessoal e sacralidade do ser. Assim, ajudariamos tanto as mulheres que obtivessem o produto quanto as mulheres dos workshops, abrangendo assim um público mais amplo.

Para desenvolver essa fonte de recursos, analisamos nossas vidas, e pensamos nas ferramentas que usamos e nas discussões que tínhamos no início da nossa jornada pelo autoconhecimento.

Uma das ferramentas foi a agenda/caderno de acompanhamento de ciclo menstrual. Dessas diversas agendas já disponíveis no mercado, optamos pela "Mandala Lunar"¹⁹. Um dos motivos dessa escolha foi por ambas já termos o contato com essa agenda, assim, sabíamos de todo o conteúdo informativo contido nela, além das ilustrações terem como base o positivismo corporal²⁰ e naturalização da vulva, os pelos, a menstruação e os mucos vaginais.

Além da mandala, entramos em contato com o nosso próprio trabalho e com o trabalho de mulheres que tinham como base essa mesma busca pelo autoconhecimento que faziam parte do nosso ciclo social.

Também pensamos nos primeiros arquétipos femininos que nos vinham em mente ao pensar na mulher como sagrada e em seu caminho de vida, chegando nos arquétipos da donzela, feiticeira, mãe e curandeira.

Decidimos que o produto principal de venda seriam caixas de crochê ou de madeira com pintura acrílica, havendo dentro um produto de cada arquétipo, ilustrações e uma Mandala lunar. A caixa e o projeto foram batizados de "A caixa de Eva".

Fizemos um paralelo com os mitos da caixa de Pandora e de Eva. Ambos são mitos que discorrem sobre a mulher como fonte de problemas ou de causadora da discórdia. Esse paralelo vem porque nesses mitos as mulheres fizeram suas vontades, se libertaram de suas imposições, e era isso que queríamos que as

¹⁹ Mandala lunar: Marca de agenda para acompanhamento de ciclo menstrual, disponível no site <https://www.mandalalunar.com.br/> ou pelo instagram @mandalalunar

²⁰ Positivismo corporal: Modo de pensamento que vai contra a pressão estética, preza pela naturalidade dos corpos e pelo estímulo da auto estima da pessoa independente do formato do seu corpo.

mulheres fizessem quando entrassem em contato com essas reflexões. A correlação entre a imagem da mulher e a fonte de males do mundo desemboca na legitimação da violência contra a mulher, tema abordado por Nara Cristiane de Miranda Rangel em seu Mestrado "Fios de memórias: Tecendo poéticas femininas na paisagem e na cerâmica", 2017.

Contudo, tanto na tradição grega, quanto na judaico-cristã, a mulher foi considerada a fonte dos males que assolavam a humanidade, esta narrativa é fruto e consequência de um imaginário que, inconscientemente, legitimou a violência contra a mulher. (RANGEL, 2021).

No mito de Eva, temos a história da primeira mulher, que é tida pelo mito cristão como a mãe de todos os seres humanos. Eva havia sido "feita" a partir da costela de Adão, o primeiro homem. Assim, Eva havia sido feita de Adão e para Adão, devendo ser subserviente a ele. Um dia, Eva, foi aliciada pela cobra e por sua vontade, comeu do fruto que lhe havia sido proibido, convencendo Adão a fazer o mesmo. Eles foram punidos por isso e foram expulsos do reino dos céus, que havia sido prometido a Adão.

(...)E viu a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento; tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido que estava com ela, e ele comeu.(...) E disse o Senhor Deus à mulher: Que é isto que fizeste? E disse a mulher: A serpente me enganou, e eu comi. E o Senhor Deus disse à serpente: Porquanto fizeste isso, maldita serás mais que todo o gado, e mais que todos os animais do campo; sobre o teu ventre andarás, e pó comerás todos os dias da tua vida. E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar. E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor e a tua concepção; com dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará. (BÍBLIA, GÊNESIS 3- 3[s.d])

No mito da caixa de pandora, como diz Rangel, Pandora era um ser sublime, nenhum ser existente foi criado com tanta beleza e dádivas, pois ela tinha tudo, ela podia tudo e era um ser muito mais próximo dos deuses do que os homens. “Ela é um símbolo de todas as mulheres, e é um mal tão belo, reverso de um bem. Flagelo terrível instalado no meio dos mortais, mas algo maravilhoso, revestida pelos deuses de atrativos e beleza” (Brandão, 1999,p. 166). Havia sido dado a pandora uma jarra em que ela foi proibida de abrir, e quando ela realizou seu desejo de abrir essa jarra, foi castigada junto da humanidade por ter feito suas vontades.

Pandora trazia consigo um presente dado pelo pai dos deuses: uma jarra (a 'caixa de Pandora'), bem fechada, que estava proibida de abrir. Mas, roída pela curiosidade, um dia decidiu levantar só um bocadinho da tampa, para ver o que lá se escondia. De imediato dela se escaparam todos os males que até aí os homens não conheciam: a doença, a guerra, a velhice, a mentira, os roubos, o ódio, o ciúme... Assustada com o que fizera, Pandora fechou a jarra tão depressa quanto pôde, colocando-lhe de novo a tampa. Mas era demasiado tarde: todos os males haviam invadido o mundo para castigar os homens. Lá muito no fundo da jarra, restara apenas uma pequena e tímida coisa, que ocupava muito pouco espaço, a esperança. Por isso se diz que 'a esperança é a última a morrer'. (SOARES; WONG, [20?])

Figura 29: Exemplo de uma Caixa de Eva. Feita com crochê que seria futuramente comercializada. 20x20x8 cm.



Fonte: Acervo pessoal.

Para honrar Eva e Pandora, mulheres que realizaram suas vontades e foram contra o que foram impostas, os projetos de oficinas se abrangeram no tema de liberdade sexual e de comportamento, utilizando como meio o prazer pessoal e a arte (pintura, história da arte, cosmetologia natural, tecelagem e costura). Ao final das oficinas as participantes teriam o conhecimentos diversos e a oportunidade de vender os resultados das oficinas, que poderiam ser absorvidas pelo próprio projeto.

Para representar os arquétipos e ministrar as oficinas, o projeto contou com 6 mulheres, em que descrevo a seguir quais produtos cada uma disponibilizaria para a montagem das caixas e qual arquétipo fomos associadas:

Eu me responsabilizei pela disponibilização das vulvas de cerâmica como objeto e produto para estar nas caixas que seriam comercializadas. Também foi associado o arquétipo da donzela. A donzela representa a mulher na fase jovem, a descoberta, o florescer, ligado à menarca e a menstruação.

Figura 30: Colar modelo Yoni com lábios. Yasmin Rifai, 2021. Cerâmica: argila terracota em queima de redução em alta temperatura. 4x3x1 cm.



Fonte: Acervo pessoal.

A Sayuri Suezawa se responsabilizou pela disponibilização de vibradores com objeto de descoberta e produto para comercialização dentro das caixas. Foi associado a ela o arquétipo da feiticeira. A feiticeira representa a mulher na fase fértil, ligado ao prazer, ao orgasmo, à exploração e à potencialidade sexual.

Figura 31: Vibrador tipo bullet disponibilizado pela Sayuri.



Fonte: Acervo Pessoal.

A Aracne tecelã²¹ se responsabilizou pela disponibilização de mandalas de lã no modelo Yoni como objeto de descoberta e produto para comercialização dentro das caixas. Foi associado a ela o arquétipo da mãe. A mãe representa a procriação, a potencialidade da mulher de gerar outro ser, ligado à terra, à fertilidade, à amamentação e ao cuidado.

Figura 32: Mandalas de linha, tecidas pela Aracne, no modelo Yoni.



Fonte: acervo pessoal

A Terra Céu Azul²² se responsabilizou pela disponibilização de bastões naturais de defumação como objeto de descoberta e produto para comercialização dentro das caixas. Foi associado a ela o arquétipo da curandeira. A curandeira representa a potencialidade da mulher como cuidadora dos outros, de si mesma e da natureza ao seu redor, ligado a natureza, a conexão e a cura.

²¹ Aracne tecelã: a participante preferiu se identificar, nas dependências deste trabalho, com o nome de sua marca para preservar sua identidade.

²² Terra céu azul: a participante preferiu se identificar, nas dependências deste trabalho, com o nome de sua marca para preservar sua identidade.

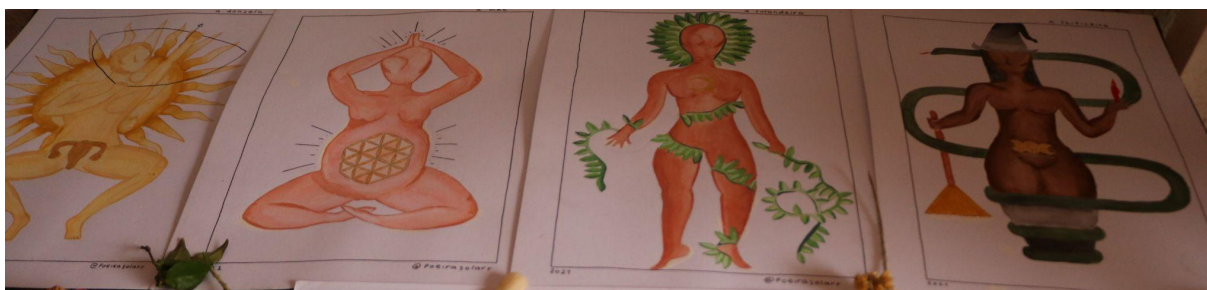
Figura 33: Cosméticos naturais da Terra Céu azul.



Fonte: Acervo pessoal.

Além das mulheres dos quatro arquétipos, Marcela Goularte, empresária e dona da Paper-marketing, ficaria responsável pela divulgação do projeto. Para completar a representação de cada arquétipo, a Fragmento Cósmico²³, ilustradora, criou uma ilustração para representar cada arquétipo e ter um print²⁴ acompanhando os produtos da caixa. Também se juntou ao grupo Luah Souza, arte-costura, que além de suas obras "bolsetinhas", que seriam comercializadas a parte da caixa, também se disponibilizou para ministrar oficinas de costura nas ONGs.

Figura 34: Ilustrações da Fragmento Cósmico, feitas para cada arquétipo, da esquerda para a direita, a donzela, a mãe, a curandeira e a feiticeira.



Fonte: Acervo pessoal.

²³Fragmento cósmico: a participante preferiu se identificar, nas dependências deste trabalho, com o nome de sua marca para preservar sua identidade.

²⁴ Print: Termo vindo do inglês, se refere a cópia feita de maneira impressa.

Figura 35: Bolsetinhas, feitas por Luah Souza.



Fonte: Acervo pessoal.

Além da disponibilização das peças cerâmicas, eu idealizei uma oficina de educação sexual através das artes, em que após uma reflexão e contextualização artística e histórica da mulher, seriam dados os materiais e as instruções (se necessárias) para a confecção das caixas de madeira com pintura acrílica.

Assim, no dia 16/12/2021, mulheres do coletivo e convidadas se reuniram para realizar o primeiro projeto de oficina ministrado por mim: A Caixa de Eva- Confecção de caixas de madeira, em que separei o resto do capítulo 4 para descrever sua realização, minhas impressões e os depoimentos das participantes.

O conhecer:
Contexto histórico,
a mulher como
sagrada

ILUSTRAÇÃO ARVORE, YASMIN RIFAI.



2019. FONTE: ACERVO PESSOAL

4.2. O Conhecer: Contexto histórico, a mulher como sagrada.

Acontece, porém, que a toda compreensão de algo corresponde, cedo ou tarde, uma ação. Captado um desafio, compreendido, admitidas as hipóteses de resposta, o homem age. A natureza da ação corresponde à natureza da compreensão. Se a compreensão é crítica ou preponderantemente crítica, a ação também o será. Se é mágica a compreensão, mágica será a ação". (FREIRE, 1967. P. 112)

Buscando uma ação transformadora para as mulheres em relação a suas próprias sexualidades, busquei a consequência colocada por Paulo Freire em seu livro "Educação como prática de liberdade", que diz que a compreensão gerada pelo conhecimento gera uma ação.

Para essa compreensão e reconhecimento das mulheres em relação a elas mesmas e quais traumas elas passaram por serem mulheres, além da imagem e do peso do que é ser mulher, decidi iniciar a oficina com uma breve contextualização histórica. Como passei por uma formação em artes visuais, já havia visto diversas representações antigas das mulheres, no meio artístico. Essas representações me trouxeram a reflexão sobre o formato corporal tido como ideal ao decorrer da história e esse contraste (ou não) com as representações da mulher atualmente em propagandas e em redes sociais enriqueceu o meu repertório. Esse, por sua vez, foi uma ótima ferramenta para o entendimento da minha imagem no mundo e para mudar a maneira que me via, enriquecendo minha própria auto-estima.

Como a meta da oficina era conseguir atingir um público amplo, tentei me preocupar com as referências visuais que mulheres tinham sobre os corpos tido como femininos. Sabia que todas tinham aparelhos celulares, mantinham contato com redes sociais e com televisões. Portanto pressupus que as mulheres tinham, em média, as mesmas referências visuais que eu tinha quando ainda não estava em contato com o meio artístico.

Também tentei abordar, de maneira não impositiva, o gênero feminino nas religiões, tanto as que tem a figura de deidade como mulher, quanto o papel das mulheres dentro de religiões em que a deidade é representada no masculino, trazendo alguns mitos como o de Eva, Lilith, e das Deusas Gaia, Lua, Isis, Bast, entre outras.

O objetivo de mostrar essa faceta religiosa foi também por eu ter visto a religião como um caminho para o desenvolvimento da minha relação comigo mesma. Como eu tinha a ciência que todas as mulheres presentes ali eram naturais brasileiras, tendo em vista que o Brasil é um país em que 50% dos brasileiros são católicos, e 31% evangélicos, segundo dado do Datafolha²⁵, pressupus que todas tiveram, mesmo que em uma menor parte do tempo, contato com o mito Cristão e/ou com o deus homem.

Como não tinha certeza se as mulheres ali presentes tiveram o contato, em algum momento de suas vidas, com o conceito da deidade feminina, achei importante apresentar essa faceta e trazer a reflexão de como essa suposta falta de adoração da figura feminina pode afetar a vida e a autoestima da mulher.

Iniciei apresentando as imagens das deusas encontradas do período paleolítico: As vênus de Dolni Vestonice, Willendorf e Laussel.

Figura 36: Vênus de Dolni Vestonice. Cerâmica, datada entre 29000 a.C. e 25000 a.C. 111 x 43 mm.



Fonte:

https://pt.wikipedia.org/wiki/V%C3%AAnus_de_Doln%C3%AD_V%C4%Bstonice#/media/Ficheiro:Vestonicka_venuse.jpg. Acesso 22 set. 2022.

²⁵ Dado do datafolha:

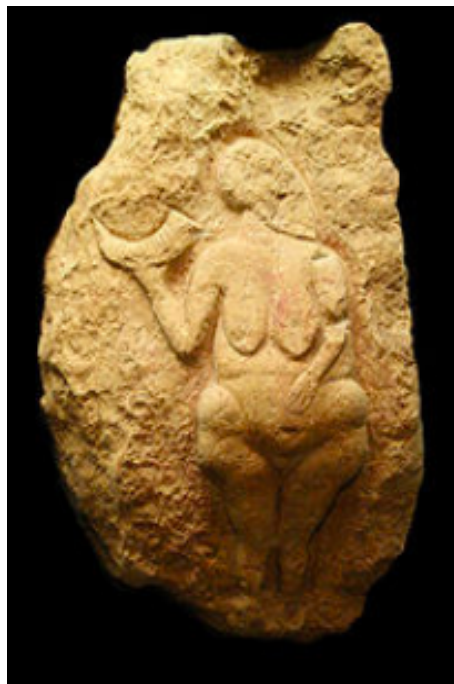
<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>

Figura 37: Vênus de Willendorf. Calcário. Datada entre 24000 a.C e 22000 a.C. 11,1 cm de altura.



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/V%C3%A9nus_de_Willendorf. Acesso 22 set. 2022.

Figura 38: Vênus de Laussel. Calcário. Datada em aproximadamente 25000 a.C. 46 cm de altura.



Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Venus_of_Laussel. Acesso 22 set. 2022.

Tidas como representações mais antigas na arte do corpo da mulher, decidi expor essas imagens por serem representações de corpos que estão, hoje em dia, fora do padrão de beleza vigente, já anteriormente abordado neste trabalho. Também é importante ressaltar as proporções desse corpo. Os quadris largos, seios

fartos e com caimento, abdome grande e largo. Muitos dizem que essas proporções representavam a fertilidade e a possibilidade dessa mulher de gestar. Também é interessante observar a ausência de uma face.

Para mim, essa ausência traz a ideia de abrangência, que é diferente das esculturas de santas da igreja católica. Nessas esculturas de santas, a mulher sagrada é "aquela mulher", ela tem um rosto e uma história. Enquanto isso, essas Vênus, vistas como objetos de adoração, trazem o foco para o corpo, também podendo ser lidas como a sacralização da mulher em um geral, sem haver a necessidade de ser uma mulher que passou por algo em específico.

Figura 39: Escultura de Michelangelo, Pietà. Mármore, 1499. Exemplo de escultura em que a mulher, representada como sagrada é a Virgem Maria²⁶, especificamente. 1,74 m x 1,95 m.



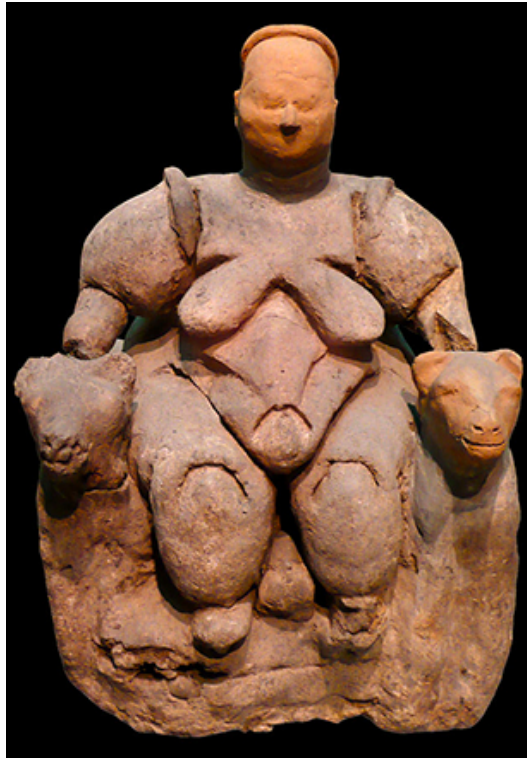
Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Piet%C3%A0_\(Michelangelo\)#::~:~:text=A%20Piet%C3%A0%20%5Bp,je%CB%88ta%5D%20](https://pt.wikipedia.org/wiki/Piet%C3%A0_(Michelangelo)#::~:~:text=A%20Piet%C3%A0%20%5Bp,je%CB%88ta%5D%20). Acesso 22 set. 2022.

Usando a obra renascentista de Michelangelo como contraste de tempo e como exemplo de "A mulher sagrada", também trouxe a atenção da quantidade de roupas da figura tida como mulher sagrada e da figura tida como homem sagrado, representadas nessa escultura.

²⁶ Virgem Maria: Santa do panteão cristão, mãe que pariu ainda virgem. Jesus Cristo, seu filho, na mitologia cristã nasceu sem ter sido cocebido através do sexo e, portanto, puro, sem o "pecado original".

Voltando ao período neolítico, outras representações que apresentei foram as encontradas em Çatal Huyük, na Turquia, em que as esculturas datam para 6.700 A.C.

Figura 40: Deusa-mãe, senhora dos animais. Cerâmica. Museu das Civilizações da Anatólia, Ancara, Turquia. (foto: Nevit Dilmen, CC BY-SA 3.0)



Fonte: <https://pt.khanacademy.org/humanities/prehistoric-art/neolithicart/neolithic-sites/a/atalhyk>
Acesso 22 set. 2022.

Muitas estatuetas foram encontradas no local, a mais famosa delas ilustra uma mulher grande sentada sobre ou entre dois grandes felinos. As estatuetas, que ilustram tanto humanos quanto animais, são feitas de uma variedade de materiais, mas a maior parte é bem pequena e feita de argila mal queimada. Estas estatuetas informais são encontradas com mais frequência em fossos de lixo, mas também em paredes de forno, paredes de casas, pisos, e deixadas em estruturas abandonadas. As estatuetas geralmente mostram evidências de terem sido perfuradas, arranhadas ou quebradas, e geralmente se acredita que elas funcionavam como símbolos de desejos ou para afastar maus espíritos. (GERMAN, 2022)

Enquanto mostrava as imagens, reforçava a atenção às nuances do formato corporal e trazia a reflexão de qual era o símbolo, palavra ou sensação que a imagem provocava, para que as participantes percebessem como aquelas imagens reverberam nelas em comparação com as referências visuais que elas já tinham ligados ao padrão de beleza, pressão estética e sacralidade sobre o corpo da mulher. Continuei mostrando mais algumas referências de esculturas, avançando na linha temporal.

Figura 41: Afrodite Braschi, uma das várias cópias conhecidas da Afrodite de Cnido. Mármore. 345 a.C.



Fonte: https://www.wikiwand.com/pt/Escultura_da_Gr%C3%A9cia_Antiga Acesso 22 set. 2022.

Figura 42: “As Três Graças, divindades da vegetação e da beleza”. Louvre. Mármore. 1,19m x 0,85m.



Fonte: <https://guiadolouvre.com/as-tres-gracas-divindades-da-vegetacao-e-da-beleza/> Acesso 22 set. 2022.

Diferente das anteriores, nessas esculturas é possível a observação do contraste de textura e detalhamento trazida pelo material, pela técnica e pela diferença temporal. Esse detalhamento é muito comum nas obras gregas do período clássico e helenístico. Como nas imagens anteriores, pontuei o formato corporal das mulheres representadas nessas esculturas. Esse formato mais magro e mais forte vinha muito do padrão estético da época. É importante lembrar que a Grécia foi berço dos jogos olímpicos, um festival religioso e atlético da Grécia Antiga, que se realizava de quatro em quatro anos no santuário de Olímpia, em honra de Zeus. O culto ao corpo forte, atlético, pode ser amplamente visto nas esculturas gregas. Também pontuei o papel das mulheres na época, que não eram consideradas cidadãs e, segundo a democracia ateniense, não podiam votar, assim como estrangeiros e escravos, mas eram responsáveis pelo lar e por alguns cultos religiosos, como discorrido no trabalho de Rangel.

Muitos estudos apontam para o fato de que apesar da cultura grega ser patriarcal ela não era misógina. Com efeito, Barbosa considera que a historiografia tradicional que colocou as mulheres gregas sem nenhuma função para a polis estaria superada, porém ressalva que a Grécia era essencialmente patriarcal sendo as mulheres subordinadas aos homens. (Barbosa 2016, p. 15).(...)De fato, as mulheres gregas tinham um papel fundamental na regularização social, não apenas por serem o pilar da família ao exercer suas funções de cônjuges e mães, mas também nas suas incumbências religiosas. (RANGEL, 2017, p. 63-64).

Trouxe a atenção das participantes para o fato que nessas esculturas, mesmo com rostos, cabelos e tecidos muito bem entalhados, tem a área da vulva menos desenvolvida, sem esse refinamento. As vulvas são representadas apenas como algo "reto", sem pelos e divisão dos grandes lábios. Perguntei qual as impressões delas sobre esse fato e muitas colocaram coisas como "pudor" e "tabu", uma delas dizendo:

Nessas esculturas, a mulher estar nua parece que é por ousadia, com as poses. O que é muito diferente da mulher nua antiga (se referindo às imagens do neolítico e paleolítico) que ela está nua "porque sim", ou melhor, porque é sagrada. (informação verbal)²⁷

²⁷ Informação verbal dada por Terra céu azul durante a oficina, captada através de gravação de vídeo da apresentação em acervo pessoal.

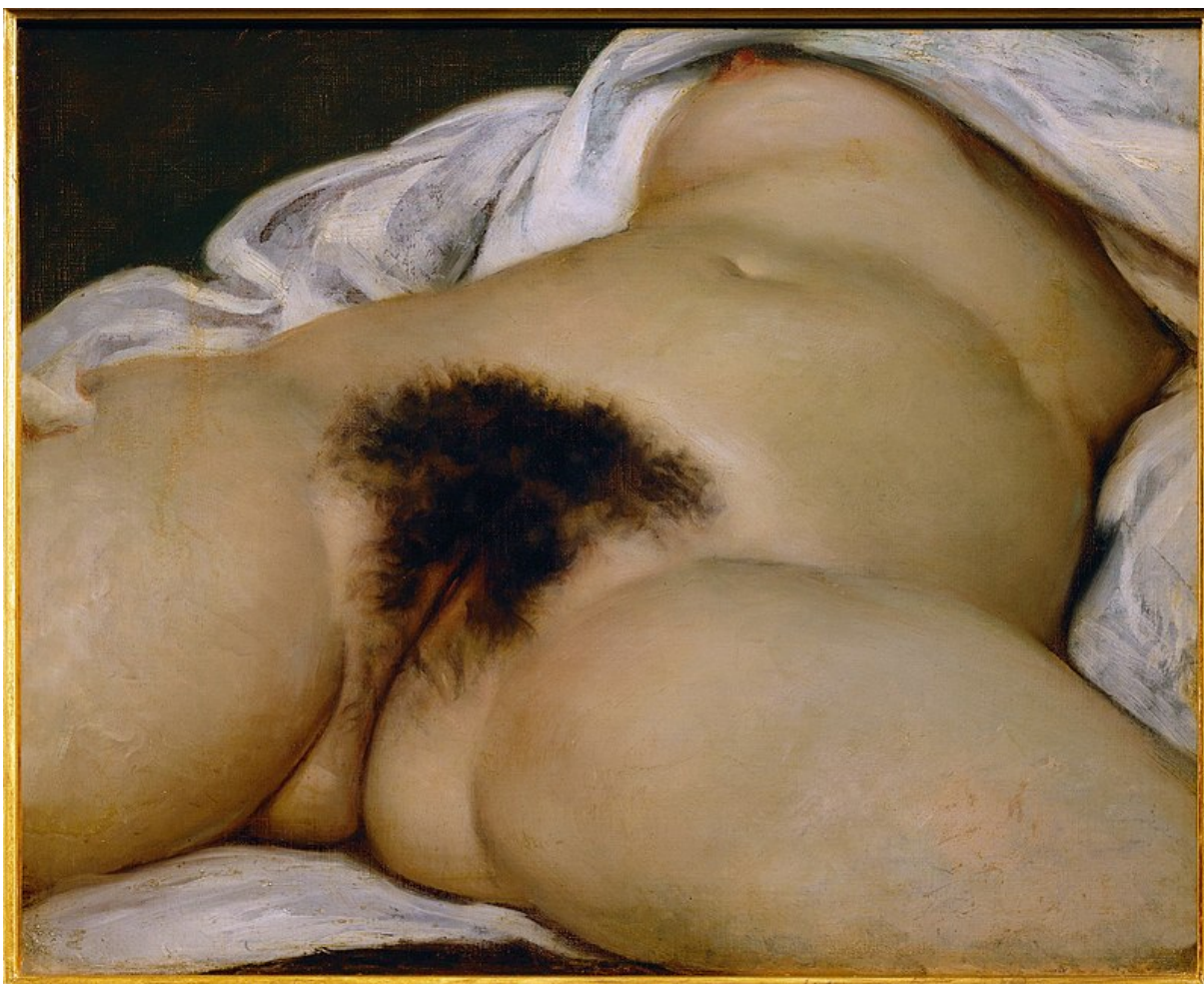
Figura 43: Imagens da primeira parte da oficina, enquanto mostrava as imagens às participantes.



Fonte: Acervo pessoal.

Para mostrar a representação da vulva na arte, ainda no conceito de avanço na linha temporal, terminei a parte do contexto histórico com uma imagem muito conhecida: A Origem do Mundo, de Gustave Courbet.

Figura 44: A Origem do Mundo, Gustave Courbet. Pintura a óleo. 1866. 46 cm x 55 cm.



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/L%27Origine_du_monde#/media/Ficheiro:Origin-of-the-World.jpg
Acesso 22 set. 2022.

Como contexto, falei que essa obra tinha sido pintada a pedido do diplomata Khalil-Bey, que era colecionador de imagens eróticas. Isso trouxe a reflexão e a contraposição do papel da vulva e da mulher como modelo para imagens eróticas em comparação com as primeiras imagens apresentadas, da mulher como sagrada. Achei importante também trazer a atenção ao formato geral do corpo representado nesta obra, além da cor da pele e do formato dessa vulva. É possível ver uma abertura muito pequena nos grandes lábios, mas os pequenos lábios e o clítoris permanecem, total ou parcialmente ocultos, dando a ideia de serem pequenos explicitando a relação que essa vulva tem com o ideal de beleza e padrão estético que temos sobre a vulva hoje em dia.

Após essa reflexão, iniciamos a parte prática da oficina, que consistiria em mais três etapas, que descrevo a seguir.

O sexo:
Diversão,
meditação e
libertação



4.3. O Sexo: Diversão, meditação e libertação.

Após as discussões sobre as representações da mulher com o passar dos séculos, propus uma meditação ativa para as participantes. A meditação também teve um papel muito importante na minha relação com meu corpo e minha sexualidade. Passei por diversas experiências de meditações guiadas e encontrei os melhores resultados, para mim, nas meditações tântricas e ativas.

[...]“Diferente da visão dos antigos sábios, os mestres do Tantra, ligados ao culto da deusa Shakti, ensinavam o não abandono do corpo, e sim utilizar se dele como instrumento de libertação e ascensão do ser.”
(CAVALCANTE, 2015, p.2)

Diferente do cristianismo, na tradição tantrica o momento do sexo é visto como algo sagrado, e não como pecado. Essa sacralização da intimidade, do orgasmo e da sexualidade foi extremamente necessária para a melhora da minha relação com meu corpo e do entendimento verdadeiro da minha sexualidade. Esse contato fez com que eu quebrasse a barreira do empoderamento²⁸ que vivia e me fez entender quais eram minhas verdadeiras preferências, quais eram minhas verdadeiras vontades, onde eu me sentia realmente confortável e quais eram as situações que eu me forçava para conseguir me enquadrar ou adentrar na sociedade.

A meditação que escolhi tinha contato direto com a relação da pessoa com o próprio corpo, com o quanto a pessoa conseguia se divertir consigo mesma, como em um ato sexual. A meditação escolhida foi a meditação Kundalini, desenvolvida pelo OSHO. As meditações ativas buscam movimentar o corpo como forma e caminho para adentrar o estado meditativo. Para iniciar a meditação, instruí que todas permanecessem de olhos fechados, assim todas poderiam se concentrar em si e não precisariam se preocupar se as colegas estariam olhando ou julgando os movimentos que elas fariam.

Escolhi essa meditação principalmente para colocar questionar o costume que temos de agir e nos movimentar para o outro, preocupadas com como o outro vai nos ver, nos julgar, ligado ao conceito de corpo vitrine²⁹, já citado anteriormente neste trabalho.

²⁸ Empoderamento: Assunto tratado anteriormente na página 24.

²⁹ Corpo vitrine: Conceito falado anteriormente na página 40.

O melhor horário para fazer esta meditação é ao pôr do sol ou no final da tarde. Ficar totalmente imerso no tremor e na dança dos dois primeiros estágios ajuda a "derreter" o ser rígido como uma rocha, onde quer que o fluxo de energia esteja reprimido e bloqueado. Então essa energia pode fluir, dançar e se transformar em êxtase e alegria. Os dois últimos estágios permitem que toda essa energia flua verticalmente e suba para o silêncio. É uma maneira altamente eficaz de relaxar e desapegar no final do dia. (FOUNDATION, 20?)

A meditação se inicia com um chacoalhar do corpo, então propus que permanecessem nesse estágio durante 20 minutos. Esse chacoalhar é um bom início para a movimentação do corpo, já que a proposta é que a pessoa chacoalhe o máximo possível o seu corpo, sem o intuito de parecer bonita nem de pensar como os outros estão a vendo. Essa movimentação quase que vibratória também ajuda no relaxamento do corpo, soltando as tensões com a ajuda do movimento.

O chacoalhar é seguido de uma dança, que por sua vez tem o objetivo de divertimento e soltura psicológica, já que é muito comum dançar para se mostrar ou apresentar para o outro, fazendo com que muitas mulheres reproduzam movimentos para que os outros achem bonito ou sensual. Na meditação a dança é para si, para explorar as possibilidades.

Após a dança, instruí que todas permanecessem sentadas por um momento de contemplação, para seus corpos se acalmarem da atividade física e elas conseguissem entrar em contato com a experiência individual e refletissem sobre qual parte foi mais fácil, qual foi mais difícil e porque.

Com essa meditação, o contato com o próprio corpo de maneira verdadeira e completa, além da sensação de divertimento, alegria e soltura de tensões, auxiliou as mulheres a serem capazes de realizar a proposta principal da oficina de maneira mais tranquila.

A gestação: Conhecimento através do olhar



4.4. A gestação: O conhecimento através do olhar.

Quando idealizei a oficina pensei muito em como trazer essas mulheres para um contato mais próximo com suas sexualidades, corpos e vulvas. Como ajudar essas mulheres a gestarem uma relação mais saudável com suas imagens? Me perguntei quantas mulheres se reconhecem de maneira verdadeira, sem terem o peso do julgamento social distorcendo os formatos e pensamentos. Lembrei das minhas questões com a minha imagem e percebi que no meu dia a dia eu tinha pouquíssimas chances de me olhar, me contemplar em frente ao espelho, e quando eu tinha a oportunidade, nem sempre era uma experiência prazerosa.

Eu gostaria que as mulheres ali pudessem criar essa relação saudável com suas sexualidades e que essa existisse como um recém nascido: terno, novo, cru, verdadeiro, que chora quando quer sem se segurar com base no que os outros iriam achar dele. Para a criança nascer é necessária a gestação. Eu entendo a gestação como um momento extenso e profundo de observação e de mudança e adaptação. A gestante vê seu abdome se estender, sente a criança se mexer. A gestante é o início da nutrição, da lactação e do cuidado.

Para que essas mulheres gestassem suas próprias sexualidades era necessário esse momento de observação externa e interna de si. Pensando nisso, sugeri um momento de auto observação, ainda seguindo na proposta de uma atividade meditativa. Primeiro, foi distribuído uma folha sulfite e um lápis para que elas escrevessem a resposta das perguntas: " Quando foi que você se reconheceu como mulher?", "Qual foi a primeira vez que você viu o seu genital?", "Qual é a sensação que te foi associada ao seu genital?", "Qual é a sua relação com o seu genital hoje em dia?", "Qual é a frequência que você olha pro seu genital?", "Qual o papel do seu genital na sua sexualidade?" e "Como você expressa sua sexualidade?".

Para maior conforto e abertura das participantes, deixei claro que as respostas não seriam recolhidas ou lidas em voz alta, a não ser que elas próprias fizessem. Assim, a mulher poderia escrever para ela mesma, de maneira sincera e sem amarras de vergonha, tabu ou pudor.

Figura 45: Obra "À FLOR DA PELE", de Ana Flávia Mendonça. Nessa obra, Ana Flávia convidou mulheres para descreverem suas vulvas a partir da auto-observação. A partir dessa descrição, a artista produziu peças cerâmicas inspiradas nessas vulvas.



O projeto parte da percepção da coincidência estética entre as estruturas das orquídeas da espécie *Cattleya* e da vulva humana. Peças de cerâmica foram elaboradas a partir de relatos reais, de pessoas convidadas a participar do processo. O espelho estava presente para permitir a vivência de contemplação do próprio corpo. (MENDONÇA, 2017).

Após a escrita, entreguei para cada participante um espelho e sugeri que pegassem um espelho e olhassem para a própria vulva. Todas as que estavam de calças, se trocaram e colocaram saias ou vestidos. Depois da distribuição dos espelhos, as que se sentiram desconfortáveis se viraram aos cantos da sala para a observação.

Primeiro foi sugerido apenas o olhar, sem julgamentos e sem juízos de valor. Uma das questões levantadas pelas participantes é que elas já tinham visto suas vulvas, mas sempre havia um propósito, e em sua grande maioria não era contemplativo. Foi dado 20 minutos para essa contemplação. Durante a atividade, eu incitei as mulheres a perceberem os formatos, as curvas e as cores de suas vulvas. Ao final dos 20 minutos, as participantes compartilharam suas experiências, impressões e falaram sobre suas relações prévias com essas características de suas genitálias, que citarei brevemente no subcapítulo 4.6.

O parto:
Produção,
representação
e reflexão



4.5. O parto: Produção, representação e reflexão.

Assim, é importante destacar que a relação mestre-aprendiz envolve três áreas indissociáveis: trabalho, educação e arte. Abrangendo com isso, as atividades laborais de aprendizado do estudante de artes, concretizadas por intermédio da ação do mestre: de transmissão da cultura da tradição; de proposição de exercícios para a construção de habilidades relativas à produção artesanal; de incentivo do trabalho coletivo; e de estabelecimento de diferentes papéis no desenvolvimento da prática. (MATTAR, 2017)

Após a gestação, se inicia o parto. Na minha produção, eu assimilei que o ato de colocar no mundo algo que antes só existia dentro de mim é extremamente similar ao parto. Ambos demandam um trabalho, ambos levam tempo, ambos envolvem um processo meditativo. Meu objetivo ali era ajudar essas mulheres a parirem suas gestações.

Nessa atividade foram entregues folhas sulfite e uma diversidade de lápis grafite e lápis de cor. A proposta era, a partir da observação pelo espelho, representar sua vulva da maneira mais fidedigna possível. Essa fase tinha como objetivo principal o auxílio da observação sem juízo de valor, para que a mulher percebesse cada curva, cada pedaço de pele, seja ele visto socialmente como algo bonito ou feio. Esse desenho também tinha como objetivo a assimilação das estruturas da vulva de cada uma e o reconhecimento de si. Em nenhum momento o objetivo dessa etapa era ter um desenho realista. O desenho foi apenas um meio para a assimilação de si, um caminho para a observação plena. Foi dado o tempo de 20 minutos para a tarefa. Eu auxiliei a começar o desenho e indiquei e incentivei sempre a observação acima do resultado final do desenho.

Terminada essa atividade, propus que elas fizessem um novo desenho que representasse como gostariam que fosse a relação delas com a própria sexualidade a partir daquele dia. Foi dada a liberdade artística total às participantes e novamente o objetivo dessa produção não era o resultado desse desenho e sim o momento reflexivo sobre a pessoa e sua sexualidade. Foi dado a essa etapa 20 minutos para a execução.

Como proposta final, foi entregue a cada participante uma caixa de madeira tipo mdf³⁰ de 22x15cm. Também disponibilizei diversos materiais para a decoração

³⁰ MDF: A sigla em inglês que significa Medium Density Fiberboard, em tradução livre, placa de fibra de média densidade. É um material construído com fibras de madeira, resinas sintéticas e aditivos.

das caixas, como lixas de madeira, caixas de ovo para serem usadas como godê, esponjas, pincéis, palitos, tintas acrílicas, cola glitter, cola branca e folhas de ouro. O objetivo era que a participante passasse o desenho que ela mais gostou ou até mesmo criar uma nova obra através de pintura nas tampas das caixas de madeira.

Deixei claro que todas estavam livres para experimentação, mas falei que lixar a tampa antes de pintar ajudaria com a aderência da tinta, já que existia um tipo de verniz sobre a madeira. Também sugeri uma camada inicial de tinta acrílica branca, já que poderia acontecer de alguma das tintas não ficarem tão opacas. Em seguida, coloquei uma música de 35 minutos no fundo e permiti todas se expressassem como queriam, auxiliando apenas quando era chamada.

Figuras 46 a 48: Imagens da execução da oficina



Fonte: Acervo pessoal.

Figuras 49 a 55: Resultados da oficina.



A amiga
a doula
e a madrinha



4.6 A amiga, a doula e a madrinha

Para finalizar a oficina, conversamos sobre nossas impressões, amarras e vergonhas. As que se sentiram confortáveis, compartilharam suas respostas para as perguntas feitas anteriormente.

Ouvi, infelizmente, alguns relatos de abuso, e de como a pressão estética e social embasava uma violência física e psicológica na vida dessas mulheres e de seus relacionamentos, criando uma relação conturbada. Ouvi relatos de violência verbal direcionado as participantes quando eram crianças por estarem fora do padrão, principalmente no início da puberdade, quando se inicia o crescimento dos pelos. Foi compartilhado que algumas tiveram o primeiro contato com suas genitálias através de um abuso. Também vi lágrimas serem derramadas de mulheres incríveis que não se achavam dignas desse olhar cuidadoso, desse momento de diversão com o próprio corpo que tivemos durante a oficina. Vi mulheres desabrochando como flores cheirosas e coloridas ao cultivar uma relação com seus corpos e suas sensações. Ouvi mulheres finalmente se aceitando como capazes, potentes e bonitas.

Discutimos sobre como essa falta de autoconfiança já colocou muitas das mulheres ali presentes em situações de relacionamentos abusivos. Pontuamos que no Brasil, uma mulher é estuprada a cada 10 minutos, segundo levantamento do Fórum Brasileiro de Segurança Pública em 2021³¹, e lamentamos como é comum uma mulher passar pelo trauma de uma violência sexual. Falamos também sobre depilação compulsiva e ouvi relatos de como esse hábito é implementado desde a infância seja por falta de referência

Falamos sobre masturbação, menstruação e a gravidez, e como a falta de informação para jovens gerou mulheres com vergonha de sua sexualidade, com nojo de sua menstruação e com medo de uma gravidez.

Após a vivência me vi como algo mais do que apenas uma facilitadora, também me entendi como amiga, que ouve e entrega o ombro para o choro. Me vi como doula, que auxiliou no parto de reflexões em forma de obras artísticas. Me vi

³¹ Dado disponível em:

<https://g1.globo.com/dia-das-mulheres/noticia/2022/03/07/brasil-teve-um-estupro-a-cada-10-minuto-s-e-um-feminicidio-a-cada-7-horas-em-2021.ghtml>.

como madrinha dessa nova relação que as participantes criaram com sua vulva, seu ser e sua sexualidade.

Logo em seguida, Sayuri Suezawa ministrou sua oficina “Vibrações Positivas” onde ela ajudou as mulheres a conhecerem as diferentes estruturas da vulva e mostrou uma gama de vibradores não fálicos, para auxiliar as participantes a atingirem orgasmos sem a necessidade de penetração nem com uma necessária relação vulva-pênis. O objetivo da oficina era incitar a sexualidade saudável e o corpo da mulher como uma fonte de potência e de prazer.

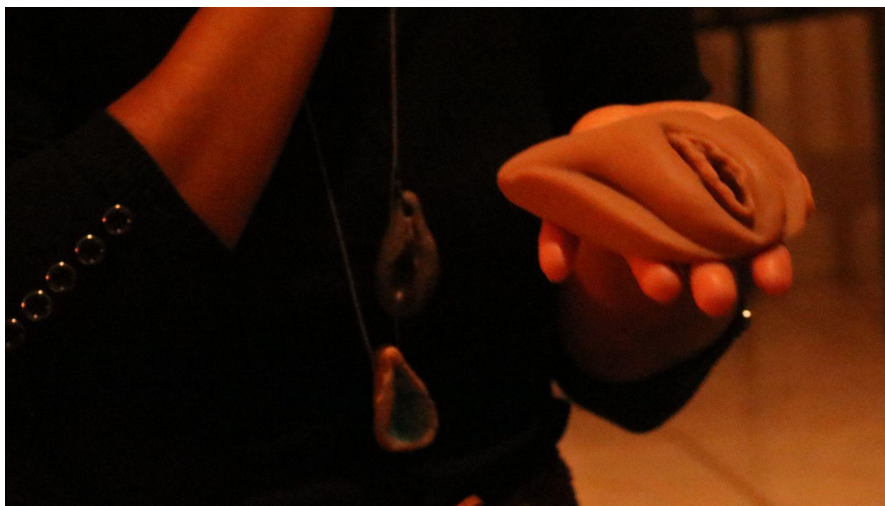
Figura 56: Tipos de vibradores não fálicos apresentados na oficina "Vibrações positivas".



Fonte: Acervo pessoal. Fotografia de Sayuri Suezawa.

Separei esse capítulo para a transcrição dos depoimentos das mulheres que participaram da oficina.

Figura 57: Imagens da oficina "vibrações positivas", ministrada pela sexóloga Sayuri Suezawa. Na imagem, ela aparece com uma vulva de silicone que foi usada de maneira didática para falar as estruturas da vulva. A sexóloga também aparece vestindo colares Yoni Preciosa, feitos por mim.



Fonte: Acervo pessoal

Entender como a mulher foi representada na arte ao longo do tempo foi muito revelador e para mim teve um significado muito intenso para refletir sobre minhas crenças e conceitos de beleza e sexualidade, mas também sobre os papéis e a força do corpo feminino! Fazer a dinâmica de observar minha vulva, meu corpo e desenhar me proporcionou um momento único de imersão, amor e não julgamento, estar com outras mulheres no mesmo objetivo trouxe um acolhimento muito empoderador! Nos divertimos fazendo Vulvas e clitores de ouro e ao final admiramos todas as representações artísticas que ficaram gravadas nas tampas das caixas, foi realmente muito bonito. Quando conheci as yonis de cerâmica, percebi que nunca tinha olhado para o corpo feminino através dos olhos de uma mulher e cujo objetivo não era seduzir mas retratar uma realidade, que as únicas vulvas que já havia visto eram objetos de prazer representadas na pornografia. Através do uso do meu primeiro colar, pude identificar e lidar com minhas emoções negativas sobre meu corpo que me fizeram perceber o quanto é necessário levar a exposição da Vulva para outros lugares, inclusive o centro do meu peito onde hoje exibo com orgulho minhas yonis de cerâmica. Foi um processo de resignificação que me impactou muito positivamente trazendo muito empoderamento na profissionalmente quanto na vida pessoal e amorosa. Através de um novo olhar para o corpo feminino também resignifiquei minha relação com o corpo masculino. Esse processo foi muito importante no estabelecimento da minha sexualidade quanto mulher bissexual mas que iniciou as relações amorosas estritamente hétero sexuais porém detestando as imagens genitais masculinas e femininas. (informação verbal)³².

³² Depoimento de Sayuri Suezawa, sexóloga e terapeuta corporal, concedido via mensagens de aplicativo (WhatsApp) em 19 jun. 2022.

Figura 58: Mulheres na oficina usando colares Yoni Preciosa. Cerâmica envidraçada, argila terracota, queima de alta temperatura. Yasmin Rifai, 2021. 4x2x1 cm.



Fonte: Acervo pessoal

Eu gostei muito (da oficina) e achei que você trouxe um contexto bem legal a sobre a história da arte. Olhar pra minha vulva pelo espelho e desenhar ela foi muito empoderador. Eu senti um pouco de insegurança em um primeiro momento, mas depois eu me senti bem, me senti à vontade. Com vocês ali, com o desenhar eu me senti livre mesmo. Entrei em contato com muitas, muitas inseguranças minhas e traumas também, que a gente até escreveu em um papel sobre isso e eu sinto que foi uma liberação mesmo. Eu achei que o desenho que eu fiz ficou muito lindo e eu fiquei realmente apaixonada por ele, fiquei encantada, fiquei muito animada também e eu percebi que todo mundo ficou numa *vibe*³³ muito boa. Até queria que tivesse acontecido mais vezes. Eu acho que a partir daquele dia eu comecei a olhar de outra forma pra minha vulva e aceitar mais ela do jeito que ela é. Geralmente a gente só mostra a vulva pros nossos parceiros né? Parceiros, parceiras, parceiros, enfim, e numa dinâmica dessa assim é bem libertador, essa experiência de entrar em contato com a nossa intimidade.

(informação verbal)³⁴.

³³ Vibe: diminuição da palavra “vibration”, em inglês. É uma gíria utilizada de maneira informal, em diferentes contextos para se referir à sensação que alguém tem em relação a algo.

³⁴ Depoimento de Terra céu azul, cosmetóloga natural, concedido via mensagens de aplicativo (WhatsApp) em 28 jul. 2022.

Figura 59: Mulheres na oficina usando colares Yoni Preciosa. Cerâmica envidraçada, argila terracota, queima de baixa temperatura. Yasmin Rifai, 2021. 3x2x2 cm.



Fonte: Acervo pessoal.

A experiência da oficina pra mim foi muito muito incrível e muito relevante. Poder estar entre mulheres já é um um lugar pra mim muito confortável e muito acolhedor. Poder discutir, olhar e se reconhecer enquanto mulher, enquanto deusas e também olhar pra minha vulva de uma outra forma, né? De uma forma poética mesmo, passar isso pra essa atmosfera é um tipo de autoamor mesmo, de auto acolhimento. Me sentir confortável entre outras mulheres nesse momento de olhar pra ela com muito carinho mesmo, muito amor. Enfim, eu adorei a experiência e gostaria de mais momentos como esse. Me vieram muitas questões também de o quanto isso é revolucionário. Estar em lugar entre mulheres pra vulva pra fora não é algo tão comum, mas que bom que a gente pode estar nesse lugar, que bom que a gente se reconhece, né? E e que bom que a gente tá nessa luta, contra tudo que nos oprime, né e nos oprimiu por tanto tempo. Bom que a gente está junto aqui com a vulva pra fora.

(informação verbal)³⁵.

³⁵ Depoimento de Delua alquimias (a participante preferiu se apresentar com o nome de sua marca, nas dependências deste trabalho, para preservar sua identidade), dona do espaço Artemis, concedido via mensagens de aplicativo (WhatsApp) em 28 jul. 2022.

Figura 60: Mulheres na oficina usando colares Yoni Preciosa, feitos por mim. Cerâmica envidraçada, argila terracota, queima de alta temperatura. 4x2x1 cm.



Fonte: Acervo pessoal.

No início eu fiquei um pouco preocupada, tímida, porque o ensino que eu tive com referência ao meu corpo e a sexualidade foi bem diferente do que você propôs. Na verdade não se falava em casa sobre todas essas coisas, então no início eu fiquei tímida, mas depois você conseguiu me deixar mais à vontade. A minha mãe é do interior então a respeito de por exemplo, menstruação, eu conversei com as minhas irmãs, sobre sexo conversei bem mais tarde com as minhas amigas. Agora com a minha mãe, nunca conversei nem sobre menstruação e nem sobre sexo. A parte da de olhar a própria vulva e de se desenhar foi libertador. Eu não tenho costume de me ver, foi uma redescoberta de mim mesma. Essa redescoberta começou um pouco com as vulvas que eu teci. Foi a Sayuri que propôs que eu fizesse por sua causa, ela queria dar uma de presente pra você, uma Yoni tecida, né? Já começou ali e depois com a oficina foi melhor ainda. Não que eu não me tocasse, eu me toco me olho no banho, verifico se tem alguma alteração ou alguma coisa, somos mulheres, né? Fazemos exames periodicamente, mas é um olhar e um toque mais médico, e ali foi algo mais introspectivo, foi pra mim mesma, não era pra mostrar pra ninguém. No fim me senti mais feminina, mudou esse lado, me senti mais mulher.

(informação verbal)³⁶.

³⁶ Depoimento de Aracne Tecelã, artesã e tecelã, concedido via vídeo chamada (Google Meets) em 15 jul. 2022.

Eu me senti maravilhada com tantas informações que nunca tive acesso. Toda mulher deveria ter o conhecimento sobre seu próprio poder e sua história que foi e é acobertada. Saber como nós éramos representadas e como somos hoje em dia muda tudo, ainda mais falando historicamente. Um resgate da essência do feminino, em sua forma natural e sagrada. Informação, conhecimento e auto-estima. Toda a sociedade deturpa muito o que é ser mulher, o que é ser uma pessoa com útero. Com todas essas regras e padrões limitantes que nos foram impostas a séculos a ponto de que chegamos a achar que só existe essa realidade, e nem imaginar como a muito tempo atrás estávamos posicionadas, por conta própria. Um TCC transformador que toda mulher deveria ter acesso, uma das informações mais valiosas que recebi na vida.

(informação verbal)³⁷.

Figura 61: Yoni Preciosa sangrando de parede. Yasmin Rifai. Cerâmica envidraçada, argila terracota, queima de alta temperatura. 2019. 15 x 8 x 4 cm.



Fonte: Acervo pessoal.

³⁷ Depoimento de Fragmento cósmico, arte- ilustradora, concedido via mensagens de aplicativo (WhatsApp) em 9 jun. 2022.

Considerações finais



5. Considerações finais

Iniciei a pesquisa através da minha produção como artista e, a partir dela, consegui desenvolver e melhorar minha autoestima. Percebi que a representação de um corpo livre e natural me permitiu refletir sobre minha visão de mundo, conseguindo reconhecer quais são as manias e quais são os costumes que me foram obrigados por pressão social.

A partir dessa pesquisa, também refleti sobre o conceito de "tornar-se mulher", trazido por Simone de Beauvoir em seu livro "O segundo sexo", de 1949. Com a reflexão sobre o papel da mulher e da sua imagem perante a sociedade, discorri sobre as tramas que constituem o tecido social sustentado por uma estrutura machista, falocêntrica e patriarcal. Nesse contexto, a mulher se vê com a função de seguir preceitos e estéticas que vão contra o estado natural de um humano adulto. Também encontrei na história da arte como essas premissas de obrigatoriedade de ser, pensar e parecer foram representadas.

A partir da reflexão, cheguei à conclusão da importância da representatividade do corpo fora do padrão, da deidade feminina e da necessidade de disseminação da imagem da vulva, suas estruturas e suas potencialidades orgásticas como papéis essenciais na libertação das cadeias de pensamento estruturadas por essa sociedade, que cria mulheres desde cedo para terem medo, não ocuparem cargos de liderança e não se sentirem potentes e capazes.

Também por parte da minha produção busquei a liberdade e a constante reflexão usando como meio a representação da vulva e do corpo gordo. Também vi nessas obras a possibilidade de um caminho para que outras mulheres também criassem suas próprias libertações.

Tendo em vista todas essas questões que se entrelaçam no consciente/inconsciente da pessoa, minha pesquisa trouxe referências visuais fora do padrão estético usual para a mulher. Ainda que estejam colados à realidade, busquei desfazer e questionar esses estigmas criados em cima do corpo da mulher. A partir dessa nova referência e reflexão, a mulher pode se adorar com a auto imagem reapropriada, auxiliando no processo de autoconhecimento e podendo viver de maneira mais verdadeira consigo mesma.

Figura 62: Altar Yoni Preciosa. Cerâmica envidraçada, argila terracota em queima de alta temperatura. Yasmin Rifai, 2021. 26x13x6 cm.



Fonte: Acervo pessoal.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Bruna de. Viva a vulva: entender o órgão feminino é 1º passo para afirmar direito à saúde sexual e ao prazer. **G1 - Saúde**, [s.l.], 12 nov. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/sexualidade/noticia/2021/11/12/viva-a-vulva-entender-o-orga-o-feminino-e-1o-passo-para-afirmar-direito-a-saude-sexual-e-ao-prazer.ghtml>. Acesso em 15 set. 2022.

ALMEIDA, Flávia Leme de. Volver à vulva: o olhar de uma feminista sobre algumas representações da genitália feminina nas artes visuais. **CARTEMA** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais UEPE-UFPB, Recife-PE, n. 8, 2020.. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/CARTEMA/article/view/248538>. Acesso em: 04 fev. 2022.

ALVARENGA, Darlan. Em 10 anos, prótese de silicone mais vendida quase dobra de tamanho. **Portal G1 - Economia**, São Paulo, 25 out. 2011. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/negocios/noticia/2011/10/em-10-anos-protese-de-silicone-mais-vendida-quase-dobra-de-tamanho.html>. Acesso em 27 fev. 2022.

AN-NISA 4:1: surah 4 do **Alcorão**. In: KHATTAB, Mustafa (trad.). The clear Quran. [S.l.]: Message for Humanity, 2016. 416 p. ISBN-10: 097730096X | ISBN-13: 978-0977300969. Disponível em: <https://quran.com/4>. Acesso em: 17 out. 2022. (O site reproduz a tradução do Alcorão publicada na obra referenciada.)

ANDRADE, Mario Raul de Moraes. **O baile das quatro artes**. Publicado originalmente em 1943. São Paulo: Poeteiro Editor Digital (Projeto Livro Livre), 2016.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Introdução, tradução e notas de António de Castro Caeiro. São Paulo: Atlas Editora, 2009;

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. Disponível em: <https://www2.unifap.br/neab/files/2021/01/Empoderamento-Feminismos-Plurais-Joice-Berth.pdf>. Acesso em: 17 out. 2022. (Coleção Feminismos Plurais; coordenação de Djamila Ribeiro). Acesso em 16 ago. 2022.

CARRILHO, Ana Clara Paiva Lima. **De objeto a consumidora**: a representação da mulher na publicidade da cerveja Skol. 2017. Orientadora: Prof. A Dra. Célia Arribas. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora (MG), 2017. Disponível em: <https://www.ufjf.br/bach/files/2016/10/ANA-CLARA-PAIVA-LIMA-CARRILHO.pdf>. Acesso em 18 ago. 2022.

CAVALCANTE, Paulo Ferreira. O corpo como instrumento de libertação na tradição tântrica. **Diversidade Religiosa**, João Pessoa, v. 5, n. 2, 2015. (Última edição como

Revista da Graduação em Ciências das Religiões-UFPB). Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/dr/article/view/25476>. Acesso em 28 ago. 2021.

COSTA, Gal. **Vaca profana**. [s.l.] 1984. Texto de Caetano Veloso. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/gal-costa/vaca-profana-2.html> Acesso em 30/08/2022.

EMPODERAR. *In*: Dicionário Online de Português. Portugal: 7Graus, [20?]. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/empoderar>. Acesso em: 12 mar. 2022.

FOUNDATION, Osho International. **OSHO Kundalini Meditation**. Osho.com (*website*). [s.l.] 20?. Disponível em: <https://www.osho.com/pt/meditation/osho-active-meditations/osho-kundalini-meditation>. Acesso em 19 ago. 2022.

FOBIA, *In*: Dicionário Online de Português. Portugal: 7Graus, [20?]. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/fobia/> Acesso em: 20 mar. 2022.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz & Terra, 1967. Disponível em http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/educacao_pratica_liberdade.pdf. Acesso em 01 set. 2022.

FLORES, Eliziane Menezes. **Autorreconstrução do feminino através das artes**. Dissertação de Mestrado em Estudos Feministas, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2013. Disponível em <https://eg.uc.pt/bitstream/10316/35839/1/Autorreconstrucao%20do%20Feminismo%20pela%20Arte.pdf>. Acesso em 04 fev. 2022.

GARCIA, Mariana. **Na busca pela 'vulva perfeita', Brasil é líder em cirurgias na 'ppk'**: saiba o que é a labioplastia e quando é indicada. G1 (*website*). [s.l.], 27 ago. 2022. Disponível em: https://g1.globo.com/saude/sexualidade/noticia/2022/08/27/na-busca-pela-vulva-perfeita-brasil-e-lider-em-cirurgias-na-ppk-saiba-o-que-e-a-labioplastia-e-quando-e-indicada.ghtml?fbclid=IwAR2a_hmYFYk6LxoWzEocVz1BCecme0jF9fouQLg-fkzvGeIDMpKOWjA_f5Y. Acesso em 7 set. 2022.

GERHARDT, Rebeca. **Os Estigmas da Vagina**. Intimus (*website*) [s.l.] 2020. Disponível em <https://www.intimus.com.br/pt-br/conteudo/produtos/dra-rebeca-gerhardt-os-estigmas-da-vagina>. Acesso em 24 ago. 2022.

GERMAN, Senta. **Çatalhöyük**. Khan academy (*website*). [s.l.] 2022. Disponível em: <https://pt.khanacademy.org/humanities/prehistoric-art/neolithicart/neolithic-sites/a/atalhyk> Acesso em 25 ago. 2022.

GÊNESIS 3-3. Bíblia sagrada. [s.l.] [s.d] Disponível em: https://www.bibliaon.com/genesis_3/ Acesso em 13 out. 2022.

LACERDA, Victória. Padrão de beleza imposto pela sociedade pode gerar distúrbio.

OHoje.com, [s.l.] 15 ago. 2021. Disponível em:

<https://ohoje.com/noticia/artigo/n/1331421/t/padrao-de-beleza-imposto-pela-sociedade-pode-gerar-disturbio>. Acesso em 05 mar. 2022.

MATTAR, Sumaya. **RELAÇÃO MESTRE-APRENDIZ**: um caminho possível para a transmissão de conhecimento em artes. Campinas, 2017. Disponível em:

http://anpap.org.br/anais/2017/PDF/EAV/26encontro_____LIMA_M%C3%A1rcio_Santos__MATTAR_Sumaya.pdf Acesso 15 set. 2022.

MENDONÇA, Ana Flávia. Site pessoal de Flávia Mendonça. Disponível em:

<https://www.anaflaviamendonca.com.br/portfolio/a-flor-da-pele/>. Acesso em: 05 set. 2022.

MORETZSOHN, Fernanda; BURIN, Patricia. A prática de topless configura crime?

Consultor Jurídico, São Paulo, 11 fev. 2022. ISSN 1809-2829. Disponível em:

<https://www.conjur.com.br/2022-fev-11/questao-genero-pratica-topless-configura-crime>. Acesso em: 26 fev. 2022.

POSSAMAI, Leandro. Mama: Existe uma forma ideal? **Leandro Possamai - Cirurgião Plástico** (*website*), Porto Alegre, 2020. Disponível em:

<https://leonardopossamai.com.br/mama-existe-uma-forma-ideal/>. Acesso em: 26 fev. 2022.

PROVÉRBIOS 23:20-21. Bíblia sagrada. [S.l.], [s.d.]. Disponível em:

https://www.bibliaon.com/versiculo/proverbios_23_20-21/. Acesso em 15 set. 2022.

RANGEL, Nara Cristiane de Miranda. **Fios de memórias**: tecendo poéticas femininas na paisagem e na cerâmica. Orientador(es): Teresa Veiga Furtado e Flavia Leme de Almeida. 2017. Monografia (Trabalho de projeto - Mestrado em Práticas Artísticas em Artes Visuais) - Escola de Artes, Universidade de Évora, Évora (Portugal), 2017.

Disponível em:

https://rdpc.uevora.pt/bitstream/10174/29951/1/Mestrado-Praticas_Artisticas_em_Artes_Visuais-Nara_Cristiane_de_Miranda_Rangel.pdf. Acesso em 25 ago. 2022.

REPRESENTATIVIDADE. In: Dicionário Google (Definições fornecidas por Oxford Languages). Disponível em:

<https://www.google.com/search?q=representatividade&oq=representatividade&aqs=chrome..69i57j0i512l4j69i64l3.3775j1j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em: 4 mar. 2022.

SALES, Michelle. Sexismo no campo das artes: Diva, de Juliana Notari. **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 22, n. 59-1, p. 335-341, dez. 2021. Disponível em:

<https://www.seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/114821/84774>. Acesso em 28 ago. 2022.

SOARES, Ana; WONG, Bárbara. O mito de Pandora. Portugal: Universidade de Lisboa - Centro de Estudos Clássicos, [20?]. Disponível em: <http://www.olimpvs.net/index.php/mitologia/a-caixa-de-pandora/>. Acesso em 21 out. 2022.

SPINELLI, Miro. **Culpas, excessos, regulações e incômodos**. Tumblr (website). [S.l.], 16 dez. 2014. Disponível em: <https://gordura-trans.tumblr.com/?fbclid=IwAR2uJRGjJxpMYFCZobQR5R9vmwVTASUJK1IzY-STLL3DEKQfTzTMLLtfxq4>. Acesso em 25 set. 2022.

VAGINA. *In*: Dicionário Etimológico. Portugal: 7Graus [20?]. Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/vagina/>. Acesso em: 10 mar. 2022.

VERGONHA. *In*: Dicionário Google (Definições fornecidas por Oxford Languages). Disponível em: <https://www.google.com/search?q=VERGONHA&oq=VERGONHA&aqs=chrome..69i57j46i433i512j0i433i512j46i512j0i433i512j69i64l3.1839j1j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em: 25 ago. 2022.

VIGOTSKI. [s.l.] (1999b). Psicologia da arte (P. Bezerra, Trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Original publicado em 1965).